

*II Seminário do Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações*



*Caderno de
Programação e Resumos*

UFF - Universidade Federal Fluminense
Niterói, 10, 11 e 12 de julho de 2018.



COMISSÃO ORGANIZADORA

Docentes

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário - UFF (*líder*)
Profª Drª Ana Beatriz Arena – UERJ/FFP (*vice-líder*)
Prof. Dr. Monclar Guimarães Lopes – UFF
Prof. Drª Milena Torres de Aguiar – UERJ/FFP

Discentes

Brenda da Silva Souza
Daniele Cristina Campos
Fabiana Felix Duarte Moreira
Idrissa Ribeiro Novo
Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo
Jovana Mauricio Acosta
Júlia dos Reis Rodrigues
Laíza Teixeira Delatorre
Letícia Martins Monteiro de Barros
Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz
Marianna Correa Siqueira do Nascimento
Myllena Paiva Pinto
Natália Assumpção Campean
Nice da Silva Ramos
Rodrigo dos Santos Gomes
Samara Costa Moura
Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes
Tharlles Lopes Gervasio
Vânia Rosana Mattos Sambrana
Viviane Corrêa de Souza

Apresentação

É com grande satisfação e alegria que o Grupo de Pesquisa *Conectivos e Conexão de Orações (CCO)*, com sede na Universidade Federal Fluminense, organiza o seu segundo seminário.

Fundado em 15 de setembro de 2015 e certificado pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), o CCO desponta no cenário acadêmico brasileiro como um locus privilegiado para a investigação de um ponto específico da morfossintaxe do português: o papel e o uso dos conectivos, bem como os diferentes processos de conexão de orações, tanto canônicos quanto não canônicos.

O CCO é marcado fortemente pela tradição funcionalista, filiando-se mais modernamente à perspectiva teórica da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Entretanto, tanto na primeira edição quanto nesta segunda edição de nosso seminário, optamos por uma proposta de interlocução com outras vertentes teórico-metodológicas e, em virtude disso, optamos por contemplar, com maior visibilidade, as seguintes áreas: a Linguística Textual, a Linguística Funcional, a Linguística Cognitiva, a Linguística Formalista e o campo do ensino de língua materna.

Para nossa alegria, o II Seminário do CCO congrega renomados pesquisadores de todas as regiões do Brasil. Esse fato revela o forte interesse pelo tema dos conectivos e da conexão de orações, que finalmente encontrou seu espaço e pretende fixar-se cada vez mais no cenário acadêmico nacional.

Neste caderno, é possível encontrar a programação do evento, bem como os resumos de todos os trabalhos submetidos à análise da comissão organizadora. Esperamos que todos os participantes possam, na “cidade sorriso” de Niterói, ter a oportunidade de compartilhar saberes e angariar novos conhecimentos.

Sejam todos bem-vindos à UFF! Sejam todos bem-vindos ao CCO!

Prof. Dr. Ivo da Costa do Rosário
Líder do Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações

Programação Geral

10 de julho de 2018 – 3ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de material	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	Abertura oficial do evento Conferência de abertura <i>Prof. Dr. José Carlos Azeredo (UERJ):</i> “A propósito de semântica gramatical: o caso de algumas preposições”	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	Mesa redonda 1 – Conexão, coesão, letramento e discurso <i>Profª Drª Norimar Júdice (UFF)</i> <i>Profª Drª Cirlene Sanson (UFF)</i> <i>Profª Drª Maria Teresa Tedesco (UERJ)</i>	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	Minicursos Minicurso 1: <i>Profª Drª Magda Bahia Schlee (UERJ) e</i> <i>Prof. Dr. Fabio André Cardoso Coelho (UERJ)</i> Minicurso 2: <i>Profª Drª Maria Beatriz Decat (UFMG)</i>	Minicurso 1 – Sala 501C Minicurso 2 – Sala 218C
16:00 às 17:00	Sessão de café com pôster	Hall do Bloco B – 4º andar
17:00 às 18:30	1ª sessão de comunicações individuais	Vide pág. 7

11 de julho de 2018 – 4ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de material	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	Mesa redonda 2 – Conexão de orações na perspectiva funcionalista <i>Profª Drª Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ) e Profª Drª Maria Beatriz Decat (UFMG)</i>	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	2ª sessão de comunicações individuais	Vide pág. 8
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	Minicursos Minicurso 1: <i>Profª Drª Magda Bahia Schlee (UERJ) e Prof. Dr. Fabio André Cardoso Coelho (UERJ)</i> Minicurso 2: <i>Profª Drª Maria Beatriz Decat (UFMG)</i>	Minicurso 1 – Sala 501 C Minicurso 2 – Sala 218C
16:00 às 17:30	Mesa redonda 3 – Conectivos e conexão de orações – pesquisa e ensino <i>Profª Drª Magda Bahia Schlee (UERJ) Profª Drª Silva Rodrigues Vieira (UFRJ)</i>	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)
17:30 às 18:30	3ª sessão de comunicações individuais	Vide pág. 9

12 de julho de 2018 – 5ª feira

8:00 às 9:00	Entrega de material	Hall do Bloco B – Térreo
09:00 às 10:30	Mesa redonda 4 – Conexão de orações, cognição e processamento linguístico <i>Profª. Drª. Lilian Ferrari (UFRJ)</i> <i>Prof. Dr. Eduardo Kenedy (UFF)</i>	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B)
10:30 às 11:00	Café/Intervalo	4º andar do Bloco B
11:00 às 12:30	4ª sessão de comunicações individuais	Vide pág. 10
12:30 às 14:00	Almoço	-
14:00 às 16:00	Minicursos Minicurso 1: <i>Profª Drª Magda Bahia Schlee (UERJ) e Prof. Dr. Fabio André Cardoso Coelho (UERJ)</i> Minicurso 2: <i>Profª Drª Maria Beatriz Decat (UFMG)</i>	Minicurso 1 – Sala 501 C Minicurso 2 – Sala 218C
16:00 às 17:00	Encerramento do evento Coquetel e lançamento de livros	Auditório Macunaíma (Sala 405 B – 4º andar do Bloco B) & Hall do 4º andar do Bloco B

1ª sessão de comunicações individuais

10 de julho – terça-feira – 17:00 às 18:30

Mediador	Título do trabalho	Autores
Prof ^a Dr ^a Nilza Barrozo (UFF) Sala 218C	O <i>enfim</i> e seus usos funcionais	<i>Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo (UFF)</i>
	A multifuncionalidade de <i>tipo</i> : seus usos como articulador	<i>Heloíse Vasconcellos Gomes Thompson (UFRJ)</i>
	A multifuncionalidade de <i>aliás</i> : valores semânticos e sintáticos em perspectiva funcional	<i>Nice da Silva Ramos (UFF)</i>
Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ) Sala 501C	A construção causal [por/per SN de X] no português: origem e trajetória	<i>Bruno Araújo de Oliveira (UFRJ) e Maria da Conceição de Paiva (UFRJ)</i>
	Ordenação das orações causais e sequencialidade temporal: um estudo diacrônico	<i>Mayra França Floret (UFRJ)</i>
	As orações causais em português e a articulação informacional da sentença	<i>Patrícia Rodrigues (UFPR)</i>
Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ) Sala 505C	Correferencialidade dos sujeitos e ordenação de cláusulas hipotáticas adverbiais temporais no espanhol mexicano oral	<i>Sávio André de Souza Cavalcante (UFC)</i>
	Opiniões em confronto: o emprego das cláusulas finais e modais como estratégia argumentativa	<i>Amanda Heiderich Marchon (UFRJ)</i>
	Construções proporcionais sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso	<i>Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes (UFF)</i>
Prof ^a Dr ^a Patrícia Neves (UFF) Sala 405B	Operadores argumentativos em redações modelo Enem: da ocorrência à articulação textual-discursiva	<i>Paulo Ricardo Soares Pereira (UFCEG)</i>
	Os papéis desempenhados pelos conectores em textos escritos para propostas de redação do Enem	<i>Cleuza Cecato (UFRGS)</i>
	Coesão e coerência textual, conjunções e orações em uma coleção de língua portuguesa aprovada no PNLD 2018	<i>Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UERJ/IFF)</i>
Prof ^a Dr ^a Karen Alonso (UFRJ) Sala 212 C	Construções com o conector “então” na perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso	<i>Ana Paula Gonçalves Durço (UFJF) e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)</i>
	Análise das funções semântico-pragmáticas das construções conformativas oracionais	<i>Myllena Paiva Pinto de Oliveira (UFF)</i>

2ª sessão de comunicações individuais
11 de julho – quarta-feira – 11:00 às 12:30

Mediador	Título do trabalho	Autores
Profª Drª Maura Cezario (UFRJ) Sala 218C	“Desgarramento” das relativas apositivas no ensino de língua materna	<i>Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ) e Violeta Virginia Rodrigues (UFRJ)</i>
	Orações subordinadas gerundivas em português brasileiro e em francês: um estudo em sintaxe comparativa	<i>Fernanda C. Cruzeta (UFPR)</i>
	Relativas reduzidas de gerúndio – uma análise funcional centrada no uso	<i>Laíza Teixeira Delatorre (UFF)</i>
Profª Drª Karen Alonso (UFRJ) Sala 505C	Os advérbios preposicionais <i>antes de, diante de, em frente a/de e em face de</i> : gradiência e fixação de padrões preposicionais e adverbiais	<i>Fábio Rodrigo Gomes da Costa (UERJ)</i>
	Análise da tipologia das orações correlatas alternativas no Português Brasileiro em perspectiva funcional	<i>Raissa Gonçalves de Andrade Moreira (UFPB)</i>
	Análise pancrônica das construções correlatas disjuntivas	<i>Jovana Maurício Acosta de Oliveira (UFF)</i>
Profª Drª Luciana Vilhena (UNIRIO) Sala 405B	Conexões virtuais: as relações semânticas e sintático-discursivas na leitura e interpretação de memes	<i>Thatiana Muylaert Siqueira (UERJ)</i>
	“Chile entra duro para papar Rueda do Mengão”: expressões de nomeação e de ação na construção do humor e da argumentação	<i>Rafael Guimarães Nogueira (IFRJ)</i>
	Uma análise semiolinguística das construções condicionais empregadas no discurso publicitário da Uber	<i>Anabel Medeiros Azerêdo de Paula (UFF) e Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima (UFF)</i>
Prof. Dr. Fabio André (UERJ) Sala 212C	Conectivos de adversidade, causa, concessão e finalidade: metassintaxe e intervenção pedagógica	<i>Mario Sérgio Mangabeira Junior (UFRRJ)</i>
	O conectivo “e” e o travessão como marca de estilo em <i>Memórias do Cárcere</i> , de Graciliano Ramos	<i>Erick da Silva Bernardes (UERJ)</i>
	Subordinação e coordenação: a visão tradicional frente às novas diretrizes	<i>Ânderson Rodrigues Marins (UERJ)</i>
Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ) Sala 501C	Análise funcional da correlação aditiva nos séculos XVII e XVIII	<i>Brenda da Silva Souza (UFF)</i>
	O uso do conector “e” no processo de retextualização do discurso oral para o escrito em um conto de fadas	<i>José Ricardo Carvalho (UFS)</i>
	O desgarramento em cláusulas hipotáticas circunstanciais introduzidas por <i>para</i>	<i>Rachel de Carvalho P. Escobar Silvestre (UFRJ)</i>

3ª sessão de comunicações individuais

11 de julho – quarta-feira – 17:30 às 18:30

Mediador	Título do trabalho	Autores
Profª Drª Solange Vereza (UFF) Sala 501C	Um enquadre cognitivo de análise das construções “SóQueX”	<i>Tharlles Lopes Gervásio (UERJ)</i>
	Condicionais epistêmicas e genéricas: uma análise cognitivista	<i>Paloma Bruna Silva de Almeida (UFRJ)</i>
Prof. Dr. Marcos Wiedemer (FFP-UERJ) Sala 405B	Um estudo da construção predicativa de mudança de estado e de propriedade com “ficar”, “tornar-se” e “virar”	<i>Bruna Gois Pavão Ferreira (UFRJ)</i>
	Microconstruções avaliativo-modalizadora com “super” na língua portuguesa – uma análise a partir da Linguística Funcional Centrada no Uso	<i>Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto (UFJF)</i>
Prof. Dr. Fábio André (UERJ) Sala 505C	Primeiras reflexões acerca do estudo das orações subordinadas substantivas no livro didático	<i>Eudivania da Conceição Botelho Silva (UESPI)</i>
	O ensino dos elementos conectivos em textos argumentativos: uma proposta de análise linguística em sala de aula	<i>Andressa Cristina de Oliveira (PMDC) e Stefanio Tomaz da Silva (PCRJ)</i>
Profª Drª Maura Cezario (UFRJ) Sala 212C	Só que, sim!	<i>Camilo Rosa da Silva (UFPB)</i>
	Construções conectoras substitutivas: um estudo funcional	<i>Idrissa Ribeiro Novo (UFF)</i>
Profª Drª Luciana Sanchez (UFF) Sala 218C	Conectivos associativos em Oro Waram (Wari’ Txapakura)	<i>Selmo Azevedo Apontes (UFAC), Quesler Fagundes Camargos (UNIR) e Ana Regina Calindro (UERJ)</i>
	Estilo reduzido	<i>Lou-Ann Kleppa (UNIR)</i>

4ª sessão de comunicações individuais

12 de julho – quinta-feira – 11:00 às 12:30

Mediador	Título do trabalho	Autores
Prof. Dr. Diogo Pinheiro (UFRJ) Sala 501C	Os graus de modalidade deôntica e a relação com a semântica verbal das orações completivas subjetivas	<i>Dayane Alves Wiedemer (UFF)</i>
	Complementação sentencial no PB: uma análise construcionista	<i>Dayanne de Oliveira Silva (UFRJ)</i>
	Avaliação. Percepção. A expressividade das cláusulas justapostas	<i>Adriana Cristina Lopes Gonçalves (UFRJ)</i>
Profª Drª Nilza Barrozo (UFF) Sala 218C	Construções correlatas consecutivas sob a perspectiva da Linguística Funcional Centrada no Uso	<i>Marianna Correa Siqueira do Nascimento (UFF)</i>
	<i>Exceto X</i> na conexão de orações: uma perspectiva funcional	<i>Fabiana Felix Duarte Moreira (UFF)</i>
	A construção [(X) agora (Y)] na esfera jornalística do século XIX	<i>Danielle Cleres (UFRJ) e Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)</i>
Profª Drª Luciana Sanchez (UFF) Sala 212C	<i>Quaero</i> e seu sentido volitivo	<i>Laís Lagreca de Carvalho (UFJF) e Fernanda Cunha Souza (UFJF)</i>
	Conectivos em <i>De institutione grammatica libri tres</i> (1572)	<i>Leonardo Ferreira Kaltner (UFF)</i>
Profª Drª Patrícia Neves (UFF) Sala 505C	O funcionamento do conector “embora”: nuances da concessão	<i>Antonio Vianez da Costa (IFAM)</i>
	Coesão discursiva: uma propriedade da sintaxe do discurso	<i>Vânia Rosana Mattos Sambrana (UFF)</i>

Sessão de pôsteres

Terça-feira, 10/07/2018 - De 16:00 às 17:00
Hall do Bloco B – 4º andar

1. Estudo funcional do conector “igual” em construções comparativas de igualdade
Viviane Corrêa de Souza (UFF)
2. Práticas do uso do “então” nas modalidades escrita e falada: um estudo funcional
Fabíola Goudard Corrêa Victorino (UERJ)
3. Construções comparativas canônicas e não canônicas do português contemporâneo
Letícia Martins Monteiro de Barros (UFF)
4. Análise funcional das construções agentivas da passiva
Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz (UFF)
5. A construção “como se não bastasse” sob a perspectiva funcional
Samara Moura (UFF)
6. Manuais didáticos revisitados: análise e proposta de abordagem de construções conectivas e coordenadas
Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira (UERJ)
Sáran Vasque de Oliveira (UFRJ)
7. Referenciação e subjetividade em entrevistas online
Marcele Mendanha Pereira (UFRJ)
8. Construção com verbo suporte: batendo uma bolinha dentro e fora da linguagem esportiva
Clarissa Fontenlos (UFRJ)
Márcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)
9. Vamos levar ao pé da letra: construções com verbo suporte e partes do corpo.
Amanda Lisbôa Marinho da Silva (UFRJ)
Márcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Minicursos

MINICURSO 1 – Sala 501C

Coesão referencial e lexical: uma proposta de análise de textos

Prof. Dr. Fábio André Cardoso Coelho (UERJ) e
Profª Drª Magda Bahia Schlee (UERJ)

MINICURSO 2 – Sala 218 C

Uma abordagem funcionalista da articulação de orações: a Teoria da Estrutura Retórica

Profª Drª Beatriz Nascimento Decat (UFMG)

Resumos da sessão de pôsteres
Terça, 10 de julho – 16:00 às 17:00

**ESTUDO FUNCIONAL DO CONECTOR *IGUAL* EM CONSTRUÇÕES
COMPARATIVAS**

Viviane Corrêa de Souza
vivicorrea2013@gmail.com
Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Este trabalho discute o tratamento que as gramáticas tradicionais dão às conjunções que introduzem orações comparativas, observando os estudos tradicionais e os estudos mais recentes, de acordo com a visão funcionalista da linguagem. Como objetivo mais específico procuramos examinar um dos tipos de orações comparativas, particularmente aquelas que comparam dois elementos de acordo com uma dimensão (grau ou quantidade), tendo como base os estudos de Cunha & Cintra, Bechara, Rocha Lima, Kury, Luft e estudos mais modernos de autores como Givón, Bybee, Traugott e outros que seguem a perspectiva funcional centrada no uso. De acordo com as gramáticas tradicionais concebidas pelos autores acima, funcionam como conjunções comparativas os itens *que*, *do que* (depois de *mais*, *menos*, *maior*, *menor*, *melhor*, *pior*), *qual* (depois de *tal*), *quanto* (depois de *tanto*), *como*, *assim como*, *bem como*, *como se*, *que nem*. Como se pode verificar, os usos previstos no âmbito tradicional apontam os itens acima como conectores das construções comparativas canônicas. Entretanto, tal desenvolvimento não aponta os usos da língua em contextos comunicativos reais. Segundo Mateus *et alii* (2003, p. 732), são consideradas comparativas as frases em que, através da presença de um conector, se estabelece uma comparação entre duas expressões linguísticas, tendo em vista o grau de intensidade das propriedades ou as quantidades das entidades nelas referidas. Sendo assim, essa constatação nos possibilita considerar o item *igual* um conector, já que ele une duas orações e estabelece uma comparação. Com isso, acentua-se a necessidade de rever o quadro das conjunções comparativas canônicas concebidas pelas cinco gramáticas tradicionais da Língua Portuguesa mencionadas, já que estas indicam estudos tradicionais e não retratam os usos da língua em contextos comunicativos reais. Nesse sentido, tratamos aqui de uma corrente linguística que, em oposição ao estruturalismo e ao gerativismo, se preocupa

em estudar a relação entre a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que elas são usadas (CUNHA, 2008, p. 157). Além disso, procuramos desenvolver os estudos de cunho funcionalista, criando um ambiente para que se tenha uma visão ampliada e se percebam as mudanças que ocorrem na língua. Traugott (2009, p. 91) entende como gramaticalização “a mudança pela qual em certos contextos linguísticos os falantes usam parte de uma construção com uma função gramatical, ou concebem uma nova função gramatical a uma construção já gramatical”. Por isso, defendemos que *igual* seja uma construção de origem gramatical que adquiriu uma nova função gramatical resultando em um caso de gramaticalização. Acreditamos também que os fundamentos da LFCU, em seu viés de cunho construcional, podem contribuir para uma eficiente tarefa de análise e reflexão sobre a língua (CASSEB-GALVÃO; NEVES, 2017, p. 33). Assim, nosso corpus de análise é composto por sentenças comparativas coletadas do Corpus do Português, disponível no site <http://www.corpusdoportugues.org>, compreendendo a presença de novos conectores nas construções comparativas e, ainda, considerando as conjunções prototípicas e as não prototípicas, como é o caso do vocábulo *igual*, que já se pode observar em estudos recentes. Dessa forma, notamos que o estudo comparado entre a visão tradicional e os trabalhos mais recentes aponta que a visão tradicional não é suficiente nas situações de uso da língua, já que esta se encontra em constantes mudanças e adaptações.

PRÁTICAS DO USO DO *ENTÃO* NAS MODALIDADES ESCRITA E FALADA: UM ESTUDO FUNCIONAL

Fabíola Goudard Corrêa Victorino
fabigoudard21@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP/UERJ)

O presente projeto trata, em perspectiva sincrônica, das práticas do uso do *então* nas modalidades da escrita e da fala. Tem como base teórica principal a Linguística Funcional e princípios de Gramaticalização, nos termos principalmente de FURTADO DA CUNHA, 2015; GONÇALVES et al., 2007; MARTELLOTA, 2004, entre outros. De forma auxiliar, apoiamo-nos na teoria dos gêneros e tipos textuais, segundo MARCUSCHI (2004; 2008), visto que também é nosso interesse identificar qual é o

papel dos gêneros textuais e das sequências tipológicas como contextos motivadores para os diferentes usos do *então*. Contamos ainda com o suporte teórico de estudos sobre análise de conversação, especialmente o de MARCUSCHI (1986), para os dados de fala. Tradicionalmente, o *então* vem sendo classificado como advérbio de tempo pelas gramáticas normativas, no entanto, em nossos estudos, temos observado que, além de ser um elemento gramatical, é também um elemento do discurso, podendo, assim, ter outras classificações e valores sintático-semânticos. É através desse olhar que iremos desenvolver este projeto para tentar reconhecer os diversos contextos de uso do *então* e identificar os de maior e menor frequência, buscando verificar se nosso objeto de estudo passa por um processo de gramaticalização e de discursivização. Justifica-se, portanto, o desenvolvimento de nossa pesquisa com uma perspectiva linguística voltada para o uso e, para isso, utilizamos como fonte de coleta de material a base de dados do *Grupo de Estudos Discurso e Gramática- D&G* (UFRJ, UFF, UFRN), a qual é composta por entrevistas de estudantes do 4º ano do ensino fundamental ao ensino superior. Os textos dos entrevistados passaram por retextualização da modalidade falada para a escrita. Em nossa coleta de dados, selecionamos aqueles em que o *então* foi empregado, para posterior identificação e análise do seu uso, conforme nossos objetivos. Esperamos, com este projeto, demonstrar que o *então* é um elemento linguístico multifuncional e polissêmico, recrutado em contextos de uso específicos.

CONSTRUÇÕES COMPARATIVAS CANÔNICAS E NÃO CANÔNICAS DO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Letícia Martins Monteiro de Barros
lemartins.mb@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho visa a apresentar, à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), um panorama sincrônico geral das diferentes construções comparativas do português contemporâneo, as quais incluem formas canônicas, mais facilmente identificáveis no discurso, e não canônicas, isto é, aquelas que fogem ao padrão contemplado pelas gramáticas, mas que, ainda assim, estabelecem uma relação de comparação. Por se tratar de uma pesquisa inicial, pretende-se apenas evidenciar a

diversidade no que tange às construções comparativas da Língua Portuguesa e a possível insuficiência de análises gramaticais adequadas capazes de abranger tamanha variedade verificada na língua em uso. As gramáticas normativas tradicionais, por exemplo, costumam tratar as orações comparativas como uma subcategoria da subordinação adverbial, além de não estenderem suas análises aos casos não canônicos. Esse tratamento, no entanto, é considerado insatisfatório por autores como Oiticica (1952), Módolo (1999, 2008) e Castilho (2012), os quais, em suas obras, mostram uma problematização sobre a rígida separação entre coordenação e subordinação e propõem, ainda, diferentemente das gramáticas tradicionais, a existência de um processo que se mostra bastante produtivo e até mais adequado para explicar certas construções comparativas: a correlação. Esses autores revelam o caráter de interdependência entre as orações comparativas, cuja estrutura encontra-se vinculada estreitamente por conjunções apresentadas paralelamente, um conectivo em cada oração. Nota-se, portanto, que, além do critério de (in)dependência semântica e/ou sintática, utilizado para diferenciar orações subordinadas e coordenadas – mesmo que não muito bem definido –, há de se considerar também o critério de interdependência, verificado em diversas construções da língua em uso. Assim, sob a ótica da LFCU e da Gramática das Construções, pretende-se analisar estruturas produzidas no uso discursivo real, retiradas do site *corpusdoportugues.org*, considerando o pareamento forma-sentido e contrastando os exemplos encontrados com a literatura disponível sobre esses tipos de construções, a fim de verificar se eles são contemplados pelas análises já existentes.

ANÁLISE FUNCIONAL DAS CONSTRUÇÕES AGENTIVAS DA PASSIVA

*Maria Luiza Guimarães da Costa Cruz (UFF)
maluguimaraesc@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

O presente trabalho visa a investigar as construções agentivas da passiva (CAP) pelo viés da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU). Essas construções são formadas por uma oração matriz (OM) e uma outra que se subordina a ela por meio de um complementador complexo, possibilitada pela voz passiva da OM, ou seja, uma oração subordinada substantiva com função de agente da passiva (OSFAP). A OSFAP configura-se em dois padrões: Padrão 1 ($X + V_{\text{participial}} \text{ por} + Y_{\text{oracional}}$) e Padrão 2 ($X +$

V_{cópula} V_{participial} por + Y_{oracional}), cada um contando com dois *types*. Esses dois *types* são modulados por dois pronomes (*quem* e *quantos*) que se ligam à preposição *por*. Tais orações não se encontram representadas no quadro da NGB. Em decorrência disso, alguns gramáticos não as mencionam, e os que se dispõem a fazê-lo têm visões divergentes. Alguns as classificam como substantivas justapostas, outros como substantivas “pronominais” derivadas de adjetivas e até mesmo como adverbiais. Em nossos estudos preliminares, ocupamo-nos de analisar as CAP em uma classificação funcional de base construcional, que considera não só a OSFAP propriamente dita, mas também a OM. A ocorrência a seguir ilustra uma CAP: (01) Joãozinho não tem um final feliz porque nunca precisou ter um. Mesmo que ninguém saiba de sua história, ela será conhecida por / **quem importa: ele.** (<http://betoquintas.blogspot.com.br/2013/07/o-fim-de-joaozinho.html>). A construção representada em (01) segue o Padrão 2, com um verbo de cópula e um pronome introdutor da subordinada: *quem*. Nas CAP, há um elemento fundamental, que tem atraído nossa atenção. Trata-se do participípio, que tem grande produtividade no português. Em nossos dados, temos observado uma gradação, que vai desde o participípio verbal até o nominal, em uma visão distinta da defendida pela gramática tradicional. A LFCU é propícia ao estudo das CAP, uma vez que não elege somente a subordinada com função de agente da passiva como foco de análise, mas toda a construção (CAP = OM + OSFAP), como pareamento de forma e sentido (BYBEE, 2015 p. 161). Interessa-se, inclusive, por considerar simultaneamente os aspectos mais rígidos e mais maleáveis da língua que possibilitam a manutenção e a mudança linguística de acordo com a interação e o uso. Assim, a pesquisa tem um caráter qualitativo e se baseia em um *corpus* sincrônico extraído de sites reunidos pelo Corpus do Português, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/>. Nossos resultados preliminares mostraram que o Padrão 2 é mais produtivo que o Padrão 1. Ainda vimos que o *type* introduzido pelo pronome *quem* é mais recorrente e usado em diferentes propósitos discursivos, como em estratégias mais persuasivas como um indeterminador abrangente ou como um dêitico catafórico em estratégias de indeterminação pontual do agente. Além disso, constatamos que o *type* introduzido por *quantos* é contextualizado em seqüências tipológicas mais argumentativas.

A CONSTRUÇÃO “*COMO SE NÃO BASTASSE*” SOB A PERSPECTIVA FUNCIONAL

Samara Moura
costamoura91@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Apresentam-se, neste trabalho, as análises iniciais da pesquisa em andamento sobre a construção “como se não bastasse”, nas modalidades oral e escrita do Português Brasileiro (PB), como se evidencia nos dados extraídos do Corpus do Português, disponível em <http://www.corpusdoportugues.org/hist-gen/2008/x.asp>. Como exemplo dessa construção, temos: (a) *Estão mesmo querendo acabar com Matinhos como cidade balneária, e transformá-la em Cidade Lixão. Como se não bastasse a usina termoelétrica (que idéia poluída) estão agora construindo o lixão de Matinhos na bela Avenida do Contorno.* Nesse primeiro exemplo, a construção “como se não bastasse” encontra-se anteposta à oração matriz e pertence a um contexto pragmático de avaliação negativa no ponto de vista do falante, ou seja, o seu sentido passa a ser orientado pela avaliação que o falante faz sobre determinada situação. Entretanto, nem sempre essa avaliação negativa se confirma nos dados. Vejamos mais uma ocorrência: (b) *Mais de 110 golfistas estiveram em ação, dando a cada instante demonstrações de habilidade e elevado índice técnico. Como se não bastasse, a competição contou com um esquema de organização perfeito, o que contribuiu para o seu êxito.* Nesse segundo exemplo, a construção também está anteposta à oração matriz, no entanto, neste caso, ela pertence a um contexto pragmático de avaliação positiva, o que corrobora a nossa hipótese de que a construção recebe o seu significado com base na avaliação do falante. Propõe-se, para tanto, a descrição do objeto em estudo sob o viés cognitivo-funcional, com o propósito de investigar as funções semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que motivam o seu uso. Ademais, busca-se analisar a construção com base no conceito de (inter)subjetividade proposto por Traugott (1989). Segundo a autora, a (inter)subjetividade é um processo semântico pelo qual um elemento linguístico passa a desenvolver novos sentidos que têm como referência a perspectiva do falante. A partir dos resultados da pesquisa piloto, conjectura-se, como hipótese inicial deste trabalho, que a construção “como se não bastasse” aparece inserida tanto em contextos de avaliação negativa, como em contextos de avaliação positiva, a depender da intencionalidade/avaliação do falante.

MANUAIS DIDÁTICOS REVISITADOS: ANÁLISE E PROPOSTA DE ABORDAGEM DE CONSTRUÇÕES CONECTIVAS COORDENADAS

Sandra Verônica Vasque Carvalho de Oliveira
sandraveronica.vasquecarvalho@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Sáran Vasque de Oliveira
saranvasque@bol.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Este trabalho buscou investigar as relações semânticas em algumas construções conectivas coordenadas, apresentando análises de enunciados em que ocorre a coordenação com “e”, “mas” e “ou”, na tentativa de demonstrar que, para além da significação essencial incontestada de cada um desses elementos elencados, pode-se constatar nuances de sentidos diversos das definições semânticas básicas. Compreendemos que isso pode ser verificado, caso a intenção do analisador seja realizar um estudo semântico do enunciado como um todo e, ainda, considerar, para a apreciação, fatores discursivos. Esta pesquisa está fundamentada em estudos como os de Maria Helena de Moura Neves, na obra intitulada *Texto e gramática*, em que são apresentados muitos exemplos dessas variações de sentidos, apesar da constatação das invariâncias do significado básico de “e”, “mas” e “ou”, que são, adição, oposição/desigualdade e alternativa, respectivamente. Portanto, como fundamentação teórica principal, usamos o livro supracitado de Neves. Percebemos que, na prática de ensino, assim como em muitos compêndios gramaticais, apenas a significação resumida é levada em conta, na maior parte das situações, desconsiderando-se, muitas vezes, as demais variações, cujas apreciações poderiam se tornar, no nosso entendimento, relevantes para o aprendizado de língua materna. É comum, ao contrário, encontrarmos livros didáticos, por exemplo, que não apresentam as possíveis interpretações ou apreensões de significados existentes nos diversos conectivos, dentro dos diferentes contextos e das intenções discursivas dos enunciados. Na verdade, entendemos que a perspectiva de análise aqui indicada pode demonstrar a importância da percepção dos variados sentidos dos conectivos em questão, tanto para o ensino dos conteúdos referentes à coordenação de segmentos por meio de conectivos, em um sentido mais restrito, quanto para a interpretação e produção textual com maior eficiência, em uma

dimensão mais ampliada. Sendo assim, a proposta deste trabalho foi a de investigar o uso dos conectivos mencionados em enunciados extraídos de manuais didáticos destinados ao Ensino Fundamental II, na procura de confirmar a realidade de nossas exposições e de demonstrar que, quando consideradas as diferentes possibilidades semânticas dos conectivos em enunciados distintos, a aprendizagem desses recursos linguísticos se torna, em nosso entendimento, mais eficaz.

REFERENCIAÇÃO E SUBJETIVIDADE EM ENTREVISTAS ONLINE

*Marcele Mendanha Pereira
marcelempereira@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

O trabalho consiste em uma análise da subjetividade na construção de objetos de discurso em entrevistas do portal de notícias *teen* PopLine a partir das estratégias de referenciação. Este é um portal criado no ano de 2006 e tem como público alvo a massa jovem da população. O site é composto por entrevistas e notícias abrangentes da cultura POP nacional e internacional. Há também uma extensão do site, chamada RockLine, que abrange o gênero Rock. Ademais, o portal promove festas, promoções e até uma loja *online* que estão diretamente ligadas à indústria POP. As entrevistas analisadas consistem em artistas nacionais falando sobre seus respectivos projetos na área da música. Os pressupostos teóricos em que esta análise é baseada englobam a interface entre a Linguística Textual e a linguística funcionalista, abordagens que estudam a língua sob uma perspectiva discursiva, textual e sociocognitiva. As propostas funcionalistas, segundo Maria Helena de Moura Neves, “se preocupam com as relações entre a língua como um todo e as diversas modalidades de interação social, e não tanto com as características internas da língua; estuda, portando, a língua como objeto contextualizado, acreditando ser um importante papel de estudo, em particular o contexto social, na compreensão da natureza das línguas.” Já a Linguística Textual (LT), segundo Neves, “evoluiu a partir de uma análise que nasceu como extensão da linguística da frase, e que, portanto, via o texto como um encadeamento de frases.

Entretanto, ela se consolidou exatamente como um aparato de investigação que prescinde da consideração de instâncias menores pré-estabelecidas e pré-estudadas, porque fixa como objeto de estudo o texto em si e por si, assegurada, obviamente, sua inserção na instância de produção.” Koch e Fávero registram como objeto de investigação da LT “[...] não mais a palavra ou a frase, mas sim o texto, por serem os textos a forma específica de manifestação da linguagem”. Metodologicamente, seguimos uma abordagem qualitativa, considerando a análise dos dados encontrados. Nossos resultados apontam para a construção subjetiva dos objetos do discurso presentes nas anáforas diretas presentes nas entrevistas. Podemos verificar um exemplo no seguinte fragmento: “O cantor, compositor e músico Di Ferrero, de 32 anos, voltou cantando esses versos dez meses após o anúncio do hiato da banda Nx Zero. Primeiro single de sua carreira solo, “Sentença” é diferente de tudo que já se ouviu o matogrossense cantar.” O vocábulo destacado “matogrossense” é uma anáfora direta que apresenta um posicionamento discursivo do enunciador em relação ao que é dito, colaborando para a construção de sentido da entrevista.

CONSTRUÇÃO COM VERBO SUPORTE: *BATENDO UMA BOLINHA* DENTRO E FORA DA LINGUAGEM ESPORTIVA

Clarissa Fontenlos Figueira
clarissa-fig@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcia dos Santos Machado Vieira (Coautora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Neste trabalho serão observadas expressões com verbo suporte nas quais o verbo esteja associado a um elemento não-verbal indicativo de jogada esportiva, acompanhado de um sufixo de grau. Podemos destacar como exemplos desse tipo de construção expressões como: “fazer (um) golaço”, “bater (um) bolão”, “dar (um) bicão”, “dar (um) carrinho”, “fazer (um) driblezinho”, “dar um lençolzinho” e “cavar uma faltinha”. Esse tipo de predicador complexo, por sua vez, pode selecionar participantes/argumentos ou não. Objetivamos verificar quais verbos podem atuar nesse tipo de construção, além dos verbos *dar* e *fazer* que, em geral, são os mais recorrentes nesse tipo de estrutura.

Também pretendemos investigar a possibilidade de haver *verbos semissuportes* nesse tipo de construção, bem como buscamos identificar qual a configuração mais estável no pareamento forma-função que se verifica no uso dessas expressões dentro e fora do contexto esportivo. Além disso, objetivamos examinar a conexão entre esse tipo de predicador e as estruturas de argumentos transitivas e intransitivas do Português. Para isso, serão coletados dados em diferentes textos, na maioria das vezes jornalísticos, que registrem esse tipo de construção em contextos variados; a ideia é não focalizar apenas o contexto esportivo, apesar dessas construções serem mais recorrentes nesse tipo de contexto. Essas questões serão estudadas a partir do enfoque teórico-metodológico da Linguística Funcional-Cognitiva, com especial interesse na Gramática de Construções da Língua Portuguesa. Nesse sentido, se faz necessário explorar os conceitos de: (i) níveis de esquematicidade, produtividade e composicionalidade das expressões, (ii) mudança construcional e construcionalização gramatical e lexical (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), (iii) aspecto verbal, (iv) verbos suporte e semissuporte, entre outros.

VAMOS LEVAR AO PÉ DA LETRA: CONSTRUÇÕES COM VERBO SUPORTE E PARTES DO CORPO

*Amanda Lisbôa Marinho da Silva
amanda_lis@live.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

*Marcia dos Santos Machado Vieira (Coautora)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

Pesquisamos, a partir de um viés que se pauta em orientações da Gramática de Construções e da Linguística Funcional-Cognitiva, predicadores complexos do tipo *Vsuporte + Npredicante parte do corpo* (*dar o braço a torcer, abrir o coração*, entre outros), como se vê em: (1) *Ele usou sua capacidade de sedução, sua habilidade – também demonstrada com o presidente russo, Vladimir Putin – de ser atencioso sem dar o braço a torcer quanto aos interesses nacionais*. Buscamos investigar exemplos como esse de modo a detectar a rede de padrões construcionais que licenciam constructos afins, bem como quais verbos atuam como verbo suporte na construção, que

características estes verbos apresentam, quais nomes de partes do corpo são mais produtivamente compatibilizadas na construção com verbo suporte, entre outros aspectos no rastreamento desse objeto de pesquisa. Além disso, também queremos avaliar a conexão de tais predicadores complexos com construções de estruturação de argumentos (pessoais ou impessoais; transitivas ou intransitivas). Enfim, intencionamos examinar a configuração de usos coletados no comportamento observável em textos escritos brasileiros de modo a descrever pareamentos forma-função, quer geradores dos predicadores complexos aqui em foco, quer compatibilizados com estes. Para tanto, prevemos, por um lado, focalizar o fenômeno de estabilidade (o que há de estável nos predicadores e na compatibilização destes com estruturas de argumentos?) e, por outro, lidar com uma possível cristalização das construções, associada ao processo de construcionalização lexical (como os predicadores complexos se situam no *continuum* de construcionalização gramatical-lexical?). Os dados das construções aqui em foco foram coletados em *sites* e *blogs* atuais de conteúdos variáveis através da ferramenta de busca do *Google* e sob a intenção de priorizar, nessa busca, materializações da construção com verbo suporte em notícias.

Resumos da 1ª grupo de sessões de comunicações individuais

10 de julho – terça-feira – 17:00 às 18:30

O ENFIM E SEUS USOS FUNCIONAIS

Jaqueline Cristina Rocha Marcondes Azevedo

jaquemarcondes@gmail.com

Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho se dedica ao estudo do advérbio *enfim*, observando os contextos linguísticos para os quais é recrutado e os valores semântico-pragmáticos que essa palavra pode assumir. Para isso, utilizamos o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso, uma vez que nosso objetivo é descrever e sistematizar os usos funcionais do *enfim* em contextos reais. Em incursões nas gramáticas tradicionais e dicionários, foi possível verificar que o *enfim* é, basicamente, referido como *advérbio* de tempo (HOUAISS, 2015). No entanto, alguns autores abordam o *enfim* com valor semântico de *conector resumitivo-conclusivo* – atuando como *operador argumentativo* – ou, ainda, como *marcador discursivo*, quando observamos opacidade semântica e percebemos sua atuação no nível pragmático (FRASER, 2006 e PENHAVEL, 2010). Para este trabalho, utilizamos os dados de língua escrita (a partir daqui, LE) de *blogue* informal, *blogue* formal e revista formal, procurando contrastar o nível de monitoramento dos usos linguísticos presentes nesses *corpora*, com o objetivo de flagrar os diferentes usos do *enfim* em situações discursivas diversas. Esses dados são tratados qualitativa e quantitativamente, uma vez que tanto a frequência de uso quanto a descrição do ambiente linguístico que permeiam o *enfim* são importantes para flagrar seus valores semânticos e pragmáticos. Nossa hipótese é a de que o *enfim* seja uma palavra multifuncional passando por transformação e expansão de significado em um *continuum*, que parte de a) um valor semântico de tempo (relacionado a sua abordagem canônica de *advérbio*), b) passa pelo valor semântico de *conector resumitivo-conclusivo*, em que funcionaria como *operador argumentativo*; até chegar a c) uso do *enfim* como *marcador discursivo* (TEMPO > RESUMO > MARCADOR DISCURSIVO). Esse *cline* pode estar associado com a escala ESPAÇO > TEMPO >

TEXTO apresentada por Heine *et alii*. (1991). Os resultados parciais nos revelam que o valor semântico de *conector resumitivo-conclusivo* é mais produtivo em contextos de LE menos monitorada, aparecendo com maior frequência nos dados de *blogue* informal e de *blogue* formal; de igual maneira, constatamos que há grande produtividade do valor de tempo nos dados de LE mais monitorada, principalmente nas sequências tipológicas narrativa e expositiva, encontradas com maior frequência no *corpus* de revista formal. As ocorrências do *enfim* com valor de *marcador discursivo* podem ser observadas de forma mais produtiva nos dados de *blogue* informal, apesar de apresentar frequência relativamente baixa. Esses resultados nos revelam que o grau de monitoramento da língua, que obedece a critérios mais definidos, está diretamente relacionado à produtividade de novos sentidos para o *enfim*, a priori classificado como *advérbio*. Dessa forma, podemos concluir que os dados de revista formal, por serem mais monitorados, representam ambientes linguísticos menos favoráveis à expansão de significados. De forma semelhante, nos dados de *blogue* informal e *blogue* formal, em que a língua encontra maior fluidez, no sentido de que recebe menor monitoramento, temos contextos linguísticos mais propícios ao aparecimento de novos usos para palavras que já compõem o repertório linguístico.

A MULTIFUNCIONALIDADE DE TIPO: SEUS USOS COMO ARTICULADOR

Heloise Vasconcellos Gomes Thompson
heloisethompson@gmail.com
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Tendo em vista dados reais do Português do Brasil (PB), fica evidente o uso do item *tipo* em contextos e cotextos variados, os quais não se restringem à sua realização prototípica como substantivo. Observemos os exemplos a seguir: (1) Quer conhecer um *tipo* azarado? Sou eu. Em janeiro bati o carro, não tinha seguro. Quando consertou, roubaram o rádio. Emprestei o último dinheiro a um amigo, ele não me paga. Fui a um baile, não dancei e acabei apanhando. Comprei um carro velho, atrasei as prestações e o

dono tomou de volta. (Roteiro de “Conceição – autor bom é autor morto”, 2007); (2) E: ele contou como é que era o tamanho da baleia? se era grande...I: não... ele não contou... () só falou que... era *tipo* uma ilha só que não era muito grande... (entendeu?) aí eu fiquei assim... eu não acreditei muito não... né? mas... (Corpus *D&G* - Informante 9, feminino, 15 anos, ensino fundamental, Niterói, oral, narrativa recontada). Em (1), a palavra *tipo* apresenta função de substantivo, tendo sentido similar ao do vocábulo “pessoa”. Essa análise pode ser justificada pelo fato de o item apresentar determinante – “um” – e modificador – “azarado”, possibilidades admitidas por substantivos. Já no exemplo (2), *tipo* funciona como item responsável por conectar elementos dentro da oração, podendo ser associado à classe dos articuladores. Como característica típica dos membros dessa classe, temos o fato de o item se apresentar invariável e não ter mobilidade dentro da oração. Além disso, é possível identificarmos, no item, um valor semântico comparativo, similar ao da conjunção comparativa *como*. Diante desse cenário, o trabalho proposto apresentará uma breve descrição dos diferentes usos de *tipo* no português brasileiro, especialmente aqueles em que assume função de articulador. Esse trabalho baseia-se nos resultados encontrados por Thompson (2013) em sua dissertação de mestrado e utiliza como suporte a teoria funcionalista. Essa teoria preza pela análise das estruturas linguísticas dentro de seus contextos de uso, visto que aspectos pragmático-discursivos também são essenciais para sua descrição e entendimento (cf. NEVES, 2001; HALLIDAY, 2004). Temos como objetivo principal mostrar, por meio de dados reais de usos do PB, que *tipo* é um item multifuncional, admitindo funções [+ lexicais] e [+ gramaticais]. A fim de concretizar nosso objetivo, coletamos dados em quatro diferentes *corpora*: o *corpus* Varport, o *corpus* D&G, roteiros de filmes brasileiros e postagens da rede social *Facebook*. Após a coleta e análise de dados, constatamos a existência de três funções realizadas pelo item *tipo*, quais sejam: substantivo, articulador e marcador discursivo. Seus usos, porém, não são homogêneos dentro dessas classes, o que resulta em subclassificações para seus usos. Assim, ao realizar tais funções, o item pode se concretizar nos seguintes moldes: substantivo [- genérico], substantivo [+ genérico], substantivo delimitador, articulador modificador, articulador delimitador, articulador de comparação, articulador de aproximação, articulador de adendo e marcador discursivo. Com base nos resultados a que chegamos ao fim de nossa pesquisa, concluímos que o objetivo central do trabalho foi alcançado. Assim, podemos afirmar que o item *tipo*, no Português do Brasil, tem caráter multifuncional, assumindo funções [+ lexicais] e [+ gramaticais].

**A MULTIFUNCIONALIDADE DE ALIÁS:
VALORES SEMÂNTICOS E SINTÁTICOS EM PERSPECTIVA FUNCIONAL**

*Nice da Silva Ramos
nicesramos1@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Esta pesquisa consiste no estudo funcional de *aliás*, observando os seus aspectos semânticos e sintáticos, quando utilizado no domínio da argumentação, em textos acadêmicos. Para tanto, utilizamos o aparato teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), da Linguística Textual (LT) e da Argumentação. Grande parte das obras de caráter normativo, como a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB), classifica o *aliás* como palavra denotadora de retificação, enquadrando-o no rol das palavras que, a rigor, não estão incluídas entre os advérbios. Em gramáticas e dicionários de autores consagrados, esse item é classificado conforme a NGB e como advérbio. Contudo, durante a pesquisa, constatamos o uso de *aliás* como operador argumentativo em 99% das ocorrências, articulando sintagmas, orações, períodos e parágrafos, e apenas uma ocorrência como palavra denotadora de retificação (parcial), restando-nos esclarecer os valores sintáticos por trás da função textual de operador argumentativo. Optamos por utilizar as teses de doutoramento e dissertações em Letras Vernáculas da UFRJ, dos anos de 2014, 2015 e 2016, disponíveis em <http://www.lettras.ufrj.br/posverna/>. A escolha dos *corpora* se deve pela preferência aos textos mais canônicos, de viés argumentativo, em que verificamos maior frequência de uso de *aliás*. Essa escolha tem por objetivo proporcionar uma reflexão sobre as ocorrências de *aliás* nos contextos de uso em que se insere, em discursos mais monitorados, e sobre a assunção de suas possíveis e variadas funções e valores semânticos. A análise preliminar é pautada no posicionamento de *aliás* e na descrição das estruturas morfossintáticas que instanciam os seus usos. Os resultados apontam, *a priori*, 26 padrões de instanciações desse item, nos 98 textos analisados, dos quais vinte pertencem ao uso de *aliás* em posição intermediária, quatro na posição final e dois na posição inicial. Na continuação desta pesquisa, temos como meta prosseguir com as análises a fim de responder às questões suscitadas durante este estudo, concluindo, por

fim, pela multifuncionalidade de *aliás*, descrevendo seus valores semânticos e sintáticos nos textos de cunho argumentativo.

A CONSTRUÇÃO CAUSAL [*por/per* SN *de* X] NO PORTUGUÊS: ORIGEM E TRAJETÓRIA

Bruno Araújo de Oliveira
bruno.linguistica@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Maria da Conceição de Paiva
paiva@club-internet.fr
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Dentre as muitas possibilidades de realização do elo de causalidade destaca-se o uso da construção ‘{*por/per*} SN *de* X’, como já mostrado por Paiva (1998, 2001), Paiva & Braga (2006) e Oliveira (2016). Esse padrão construcional, produtivo desde o português arcaico, é capaz de sancionar uma grande diversidade de nomes para preencher a posição do SN, dando origem a várias microconstruções causais, como ‘*per razon de*’, ‘*por falta de*’, ‘*por medo de*’ ‘*por causa de*’ etc. Adotando a perspectiva dos modelos baseados no uso, em especial os pressupostos associados à construcionalização e mudanças construcionais (TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; HILPERT, 2013, 2014; BYBEE, 2015; BARÖDAL et al., 2015), focalizamos a origem e evolução desta construção, destacando, sobretudo, as mudanças construcionais a que se submeteu ao longo da história do português. Através da análise de textos representativos do século XIII ao século XXI, foi possível verificar, antes de mais nada, a fixação da preposição ‘*por*’ como elemento especificado da construção, como provável consequência da convergência entre os usos de ‘*per*’ e ‘*por*’. Além disso, até o século XV, a microconstrução mais frequente era formada pela estrutura ‘*por razão de*’. A partir do século XVI, aumenta a frequência de ocorrência de ‘*por causa de*’, cujo uso ilustramos com o exemplo (1): “[...] E mãdarõ hũ mouro que chamavã Allmox(arif)e, que foy naturall do rregno do Allgarve, domde se partira **por causa de** hũ omezio que ouvera [...]” (*Crónica do Conde D. Pedro de Meneses*, livro I, capítulo 35, CIPM), que veio a

se tornar, em curto tempo, a microconstrução mais robusta da categoria, adquirindo efeitos de protótipo. Uma análise mais fina dos contextos de ‘*por causa de*’ permitiu identificar sua forte associação com contextos de causalidade no domínio referencial e em situações em que o estado de coisas resultante constitui uma consequência negativa. Gradativamente, essa microconstrução ganha em produtividade, permitindo a generalização do esquema ‘*por SN₁ de SN₂*’, sancionando outras formas de preenchimento da posição SN₁.

ORDENAÇÃO DE ORAÇÕES CAUSAIS E SEQUENCIALIDADE TEMPORAL: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Mayra França Floret
mayrafloret@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

De acordo com o princípio de iconicidade, a estrutura da língua reflete a nossa representação da experiência (HAIMAN, 1980, 1983; CROFT, 1990; GIVÓN, 1995). Para Haiman (1980, 1983), um caso muito comum de motivação icônica é o sequenciamento de eventos no texto. Como já mostraram diversos autores (PAIVA, 1991; PAIVA, 2005; DIESSEL, 2005; FLORET, 2018), na forma como representamos a realidade, a relação de causa e efeito está relacionada à sequencialidade temporal, de forma que o estado de coisas *causa* precede o estado de coisas *consequência/efeito*. No entanto, segundo Paiva (1991) e Floret (2018), há três tipos de relação temporal entre estados de coisas relacionados por causa e efeito. A primeira possibilidade diz respeito aos casos em que um estado de coisas precisa ter início e fim para que outro ocorra, como em (1) Nenhum de nós conheceu os Avós, tanto paternos como maternos, nem a Avó paterna, **porque** todos tinham morrido, alguns anos antes de o nosso nascimento. (Século XIX - Memórias do Marquês da fronteira e d’Alorna). A segunda possibilidade é de que um dos estados de coisas se inicie antes de outro, mas não necessariamente termine antes do início do outro, superpondo-se, portanto, por um período de tempo, como no exemplo (2) O filho do carcereiro António Marquês se feriu na garganta com uma tesoura , e **por querer**

matar-se lhe puseram algemas. (Século XVIII - Gazetas manuscritas da Biblioteca de Évora). A terceira possibilidade é a de que os dois estados de coisas tenham os mesmos limites inicial e final, ou seja, sejam simultâneos, como se vê em (3) Existem nematóides de vida livre ou saprófitos e nematóides fitopatogênicos ou parasitas obrigatórios. Os fitopatogênicos são diferenciados **por apresentarem** um estilete na região cefálica. (Século XXI - Manual de desastres). Neste trabalho, discutimos em que medida essas diferentes formas de organização temporal podem se refletir na ordenação do segmento causal. Conjugando o princípio de iconicidade ao pressuposto de sequencialidade temporal na relação de causa, podemos esperar que a oração de causa preceda a oração efeito (ordenação causa-efeito) na codificação de estados de coisas sequenciais. Essa hipótese é verificada em um estudo diacrônico das construções causais com *porque* e *por+infinitivo* em textos do período clássico (séculos XVII e XVIII) e moderno/ contemporâneo (séculos XIX e XX/XXI). A análise dos dados mostra, entretanto, que não há evidências de que a organização sintagmática das duas construções causais sofra restrições impostas por um princípio de sequencialidade. A posposição da oração causal àquela com que se liga é predominante em todos os séculos. A anteposição das orações causais com *porque* e *por+infinitivo* é desfavorecida mesmo em contextos de sequencialidade entre estados de coisas relacionados.

AS ORAÇÕES CAUSAIS EM PORTUGUÊS E A ARTICULAÇÃO INFORMACIONAL DA SENTENÇA

Patrícia Rodrigues
rodriguespatriciaa@gmail.com
Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Em português, as orações introduzidas pelas conjunções *porque*, *que*, *pois*, *uma vez que*, *já que*, *visto que*, *como*, etc. são, nas gramáticas tradicionais, analisadas ou como orações causais ou como orações explicativas, dependendo do valor causal ou explicativo da conjunção. As conjunções causais são consideradas subordinativas e definidas como vocábulos que “iniciam uma oração subordinada denotadora de causa” e as conjunções explicativas são consideradas coordenativas e definidas como vocábulos

“que ligam duas orações, a segunda das quais justifica a ideia contida na primeira” (CUNHA E CINTRA, 2001). Por exemplo, a oração destacada em (1) é analisada como uma oração subordinada adverbial causal, enquanto a oração destacada em (2) é analisada como oração coordenada explicativa. (1) A Maria foi embora *porque o Pedro chegou.*; (2) A Maria saiu, *porque a luz tá apagada.* Como já observado em diversos estudos linguísticos, essa descrição tradicional carece de clareza, além de ser circular: a oração é subordinada causal porque é encabeçada por uma conjunção subordinativa causal e a conjunção é subordinativa causal porque inicia “uma oração subordinada denotadora de causa”. Além disso, um mesmo conector, como *porque*, por exemplo, pode ser encontrado tanto na lista das conjunções subordinativas quanto na lista das conjunções coordenativas. Observa-se ainda que a correspondência biunívoca entre subordinação e coordenação, de um lado, e causa e explicação, de outro, não é possível de ser feita com base nos critérios estabelecidos pela descrição tradicional. Contudo, mesmo reconhecendo vários problemas na caracterização tradicional dessas orações, os estudos linguísticos, de modo geral, adotam essa mesma distinção semântica em suas análises, se concentrando em discutir a estrutura sintática dessas construções. Assim, as orações interpretadas como causa são analisadas como orações adverbiais modificadoras de predicado e as orações interpretadas como explicação são analisadas como orações que teriam uma menor integração sintática, sendo considerada por muitos autores como uma oração adverbial adjunto de frase (MATOS, 2006; MOURA NEVES, 2011; entre outros). Este trabalho pretende mostrar que a distinção *causais vs. explicativas* não é o melhor ponto de partida no estudo das propriedades sintáticas das orações introduzidas pelo conector *porque*, pois a oração causal em (1) pode também funcionar como um adjunto de frase, o que neutralizaria a caracterização semântica na determinação da estrutura sintática. Argumenta-se que a análise da oração causal em (1) como modificadora de predicado decorre da assunção implícita de que esse tipo de construção causal só pode ser associado a um determinado tipo de estrutura informacional (entendida como uma estrutura foco-suposição), em que a oração matriz representa a suposição e a oração causal o foco (a sentença responderia à questão *Por que a Maria foi embora?*). No entanto, uma construção como (1) também poderia ser interpretada de modo que a oração matriz e a oração causal formem duas estruturas foco-suposição separadas, como representado em (3) (A Maria foi embora, *porque o Pedro chegou*), com a utilização da vírgula (a sentença poderia responder à questão *O que aconteceu com a Maria?*). Defende-se, com base em testes

de natureza sintática, que, nessa configuração, a oração causal deve ser analisada como uma oração modificadora de frase, da mesma forma que a oração explicativa em (2). A principal contribuição deste estudo é mostrar que a abordagem sintática das orações causais com *porque* a partir de uma perspectiva informacional pode ser mais produtiva.

CORREFERENCIALIDADE DOS SUJEITOS E ORDENAÇÃO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS ADVERBIAIS TEMPORAIS NO ESPANHOL MEXICANO ORAL

Sávio André de Souza Cavalcante
savio.andrec@gmail.com
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Na articulação entre as cláusulas adverbiais e suas respectivas nucleares, a posição em que aquelas se apresentam revela aspectos da coerência referencial que delas emerge. Para Givón (2001), cláusulas adverbiais pospostas costumam ser mais integradas à estrutura semântica de sua nuclear; e as antepostas, mais conectadas pragmaticamente, ainda que menos integradas semanticamente ao seu núcleo. Do ponto de vista da coerência referencial, explica o autor que as pospostas mostram maior coerência referencial, como, por exemplo, a equivalência de sujeito com sua principal. Pelo contrário, as antepostas, por apresentarem escopo mais amplo, compartilham referentes já mencionados no discurso precedente. No que diz respeito às Cláusulas Hipotáticas Adverbiais Temporais, diversos estudos têm mostrado que sua posição em relação à nuclear reflete mecanismos sintático-semântico-pragmático/discursivos (BOLINGER, 1954-1955; LABOV; WALETZKY, 1967; CHAFE, 1984; DIESSEL, 2001; DECAT, 2001; GIVÓN, 2001; CAVALCANTE, 2015, 2016, entre outros). Portanto, o presente estudo objetiva analisar, em 36 entrevistas do *Corpus Sociolinguístico de la Ciudad de México* (CSCM), os efeitos da posição da Temporal em relação à sua principal, tomando por base a coerência referencial que se manifesta no compartilhamento entre seus sujeitos, tendo como hipótese os postulados de Givón (2001) apresentados acima. Após coleta, codificação e análise estatística (*software* GOLDVARB X) (GUY; ZILLES, 2007), os resultados de 596 Cláusulas Temporais destacaram a anteposição como mais frequente (57.7%), condicionada, em oposição à intercalação, por não

correferencialidade (peso 0.584), mas, oposta à posposição, não houve seleção de fator pelo programa estatístico. A posposição, como segundo tipo mais frequente (25.3%), é condicionada, quando oposta à intercalação, por não correferencialidade (peso 0.599), mas, oposta à anteposição, não houve seleção de fator. Considerando como valor de aplicação a intercalação, posição menos frequente (16.9%), motiva-a a correferencialidade, em oposição à anteposição e à posposição (pesos 0.576 e 0.586, respectivamente). Tais resultados contrariam parte das hipóteses, já que se notou não haver diferença significativa no que diz respeito à correferencialidade dos sujeitos quando se contrastam Temporais às margens da nuclear (antepostas *versus* pospostas), provavelmente por seu caráter de cláusula hipotática, interdependente. No entanto, quando se compara uma Temporal inserida em posição interna à cláusula a uma que está às margens, a correferencialidade é preferida no primeiro caso. Infere-se, assim, que a intercalação, motivada por correferencialidade dos sujeitos e por ser mecanismo que atua dentro da cláusula, colabora com a continuidade referencial. Do ponto de vista do princípio da marcação (GIVÓN, 2001), as intercaladas, estruturas mais marcadas, podem refletir procedimentos menos marcados (igualdade entre sujeitos), para neutralizar ou diminuir os esforços de codificação (DUBOIS; VOTRE, 2012).

OPINIÕES EM CONFRONTO: O EMPREGO DAS CLÁUSULAS FINAIS E MODAIS COMO ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA

*Amanda Heiderich Marchon
claraeamanda@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

Este trabalho investiga a impossibilidade de se empreender uma análise linguística que dissocie os níveis sintático, semântico e pragmático, com o fito de propor estratégias pedagógicas mais eficientes para o ensino de língua materna. Mais especificamente, discutiremos como as cláusulas finais e modais se articulam nos níveis micro e macrotextuais, contribuindo, pois, para a organização argumentativa do discurso. Objetivando uma análise que amplie a visão da tradição gramatical e que ultrapasse o

nível sentencial, propomos um estudo de interface entre os postulados teóricos da Semântica Argumentativa e do Funcionalismo, priorizando tanto a semântica quanto a sintaxe. Debruçar-nos-emos, portanto, sobre os efeitos de sentido que as estruturas hipotáticas finais e modais mantêm com as porções de discurso em que estão inseridas, compreendidas, nesta investigação, como fios da teia argumentativa empreendida pelo enunciador para envolver o interlocutor. Partindo da hipótese de que as estruturas hipotáticas revelam um matiz argumentativo, o *corpus* de análise desta investigação será constituído de cláusulas que provém de vinte e quatro (24) artigos de opinião publicados, aos sábados, pelo jornal *Folha de São Paulo*, na coluna *Tendências e Debates*, ao longo do ano de 2014. Essa coluna veicula artigos assinados que, segundo informação editorial, não traduzem o posicionamento do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir sobre as diversas tendências do pensamento contemporâneo. Para tanto, essa seção apresenta uma pergunta sobre determinado assunto que suscitou polêmicas ao longo da semana nos noticiários. Os articulistas convidados, ao responderem *sim* ou *não* ao questionamento feito pela instância midiática, defendem visões opostas em relação ao tema em tela, aproximando-se ou afastando-se das *doxas* vigentes, ou seja, do que a sociedade considera politicamente correto. Pode-se questionar, porém, como identificar a *doxa* vigente, uma vez que o que é tido como verdadeiro para um grupo pode ser considerado inválido para outro. Propomos, então, investigar a *doxa* que emerge dos pares de textos em análise, por meio do estudo dos implícitos textuais e do reconhecimento de múltiplas vozes nos discursos, postulados estruturados por Ducrot (1981, 1987, 1989), o que justifica a proposta de um estudo de interface.

CONSTRUÇÕES PROPORCIONAIS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Thaís Pedretti Lofeudo Marinho Fernandes
thaisplmf@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

A pesquisa tem como objetivo examinar os usos das construções correlatas proporcionais com base nos pressupostos teóricos da Linguística Funcional Centrada no Uso. Esta corrente teórica analisa a língua em pleno uso e visa a uma abordagem holística, em que nenhum nível linguístico é proeminente em relação aos demais. Toma-se o conceito de *construção* no sentido estabelecido por Traugott e Trousdale (2013), ou seja, como uma unidade básica da língua, composta por um pareamento de forma e sentido. As construções proporcionais são analisadas em seus dois padrões instanciados: o primeiro é constituído pelas expressões conectoras *à medida que* e *à proporção que*, e o segundo é instituído pelos correlatores *quanto mais/menos... (tanto) mais/menos*. Os dados são extraídos do *Corpus do Português*, disponível em www.corpusdoportugues.org/. Defende-se que as construções em ambos os padrões constituem estruturas correlatas em língua portuguesa. Contudo, em razão do comportamento sintático distinto, os chamados Padrão I e Padrão II recebem tratamentos particulares. No primeiro, lança-se mão do critério da telicidade para firmar a conexão sintática entre prótase e apódose. No segundo, evidencia-se a alta produtividade do padrão. Com isso, objetiva-se estabelecer, a partir da visão funcional da língua, a hierarquia construcional das correlatas proporcionais, baseada em diferentes níveis de abstração.

OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM REDAÇÕES MODELO ENEM: DA OCORRÊNCIA À ARTICULAÇÃO TEXTUAL-DISCURSIVA

Paulo Ricardo Soares Pereira
pauloricardo_sp_@hotmail.com
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

Maria Augusta Gonçalves de Macedo Reinaldo (Orientadora)
augusta.reinaldo@gmail.com
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

A intenção do texto dissertativo-argumentativo é convencer o interlocutor das ideias apresentadas pelo autor; logo, o reconhecimento e a utilização adequada, em um texto ou sequência textual, de um Operador Argumentativo (OA), que indique ou mostre a força argumentativa do enunciado, assim como promova a continuidade linguístico-

temática, é fundamental para o produtor de texto que busca uma efetiva progressão/coesão textual – desde o nível semântico, linguístico, até o contextual. Esse reconhecimento e adequação de uso se tornam relevantes principalmente quando a articulação desses elementos é critério de avaliação em provas, processos seletivos, vestibulares, concursos e exames, como o Exame Nacional no Ensino Médio (ENEM). Na redação do ENEM, texto do tipo dissertativo-argumentativo, uma das competências avaliadas é a de "demonstrar conhecimento dos mecanismos linguísticos necessários para a construção da argumentação" (Competência 04; in: BRASIL, 2017, p. 22). Assim, na produção da redação, o aluno-candidato deve "utilizar variados recursos linguísticos que garantam as relações de continuidade essenciais à elaboração de um texto coeso". Na avaliação dessa Competência será considerado, portanto, o modo como se dá o "encadeamento textual." (BRASIL, 2017, p. 22), mecanismo que poderá ser realizado, dentre outros elementos, pelos operadores argumentativos. Esta pesquisa, de modo geral, pretendeu investigar o comportamento dos operadores argumentativos na organização textual de textos dissertativos-argumentativos modelo ENEM. Como objetivos específicos, buscou (1) examinar a ocorrência desses operadores e (2) analisar a articulação por eles promovida e suas funções textuais-discursivas nos textos em referência. O estudo fundamentou-se essencialmente nos aportes teóricos da Linguística Textual (KOCH, 1984, 2015; KOCH & ELIAS, 2016). Nesse sentido, dentre os mecanismos de textualização, especificamente da conexão, chama-nos a atenção os que envolvem a infraestrutura textual dos organizadores do texto, mais precisamente dos Operadores Argumentativos, pois são eles os "elementos linguísticos que orientam os enunciados para determinadas conclusões, razão pela qual são denominados operadores ou marcadores argumentativos, bem como contribuem para coesão e a coerência do texto." (KOCH & ELIAS, 2016, p. 26). O *corpus* é constituído de redações de alunos do 3º ano do Ensino Médio, de uma escola da rede estadual de ensino, situada na cidade de Campina Grande-PB. Foram analisadas as recorrências dos operadores argumentativos e os efeitos de sentido que esses recursos argumentativos assumem em textos da ordem do expor e do argumentar, contribuindo para adesão ou não do interlocutor às ideias expostas pelo produtor. Os dados coletados para análise foram sistematizados em dois grupos: (1) a diversidade, a ausência e/ou repetição de OA intra/interparágrafos; e (2) a (in)adequação no uso de OA quanto à orientação argumentativa por eles construídas entre as orações, períodos e parágrafos. A análise dos dados revelou como principais resultados pouca variedade/diversidade e repetição de OA; ausência de OA

intra/interparágrafos; e inadequação no uso dos OA quanto à orientação argumentativa estabelecida entre as orações, períodos e parágrafos. Isso significa presença expressiva de redações com articulação precária e/ou pouca variedade de operadores; e articulação adequada e variedade mediana de operadores. Foi verificado também que os OA mais recorrentes foram *pois, porque, portanto, assim, para (que), e, também, além de (disso)*. Considerando que um texto semanticamente bem elaborado exige, por parte do usuário da língua, uma seleção adequada de elementos argumentativos (estruturais) em função do repertório de que dispõe, os resultados apontam para a necessidade de uma intervenção com atividades didáticas que, partindo dos dados analisados, levem os alunos a refletirem sobre a língua em uso: a tradição de descrever apenas a estrutura presente na norma padrão por si só não é mais suficiente.

OS PAPÉIS DESEMPENHADOS PELOS CONECTORES EM TEXTOS ESCRITOS PARA PROPOSTAS DE REDAÇÃO DO ENEM

*Cleuza Cecato
cecato.cleu@gmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)*

A competência IV pode conferir até duzentos pontos dos mil possíveis para uma redação produzida em função de uma proposta de texto solicitada no Enem (Exame Nacional do Ensino Médio), aplicado no Brasil desde 1998. Após mais de duas décadas de aplicação do exame, o repertório de mecanismos linguísticos empregados para conferir progressão textual aos períodos e parágrafos não só avolumou-se em relação aos exemplos disponíveis, como ganhou maior importância nas abordagens didatizadas sobre uso e sentido diversificado de conectores. Isso se verifica, em grande medida, nos exemplos de redações nota mil divulgados nas diferentes publicações do Inep relacionadas à redação do Enem: Guia do participante (2012 e 2013) e Cartilha do participante (2016 e 2017). O presente trabalho, considerando a construção de conhecimentos necessários ao emprego de conectores para a harmonia das partes do texto, concentrou-se na análise de recursos de coesão textual apresentados como repertório por estudantes concluintes de Ensino Médio. Com esse propósito, foram analisados inicialmente trezentos textos produzidos por estudantes da terceira série do

Ensino Médio, dos quais foi possível selecionar trinta como representantes de diferentes perfis de textualização. As perspectivas empregadas nas análises tomaram como referência a proposta de Irandé Antunes, segundo a qual “uma ação linguística não se faz apenas com gramática, ou apenas com léxico [...], mas com análises que incidam sobre questões da construção coesa, coerente e relevante de textos, o que, naturalmente inclui contexto, texto, léxico e gramática”. Com base nesse ponto de partida, foi possível combinar a resposta a três questões básicas que permeiam os manuais de escrita: 1. Privilegiar alguma categoria gramatical melhora a construção dos períodos de um texto? 2. Quais são os elementos de ligação mais evidentes no texto dissertativo-argumentativo modelo Enem? 3. É possível falar em um estilo de texto para esse propósito de elaboração? Para compor a proposição de análise aqui referida, foi mobilizada a diferenciação entre os tipos de nexos textuais empregados, distinguida por Halliday e Hasan ao lado das concepções de unidade temática, objetividade, concretude e questionamento definidas por Paulo Guedes em seu *Da redação à produção textual*.

COESÃO E COERÊNCIA TEXTUAL, CONJUNÇÕES E ORAÇÕES EM UMA COLEÇÃO DE LÍNGUA PORTUGUESA APROVADA NO PNLD 2018

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva
jeffersonpn@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Instituto Federal Fluminense (IFF)

Dizer que coesão e coerência, conjunções e orações são temas fundamentais para o ensino de Língua Portuguesa não é nenhuma novidade. Muitos outros, antes de nós, já o fizeram (MACHADO e VILAÇA, 2012; BECHER e SELOW, 2015), de forma que o assunto, à primeira vista, pode parecer já discutido o suficiente. É, portanto, ponto comum que tais tópicos devem constar em qualquer currículo de ensino de Língua Portuguesa. Ao mesmo tempo, o Brasil pauta a escolha dos materiais didáticos que promoverão esse ensino a partir do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), ação governamental que, com as devidas proporções, data de 1937, tendo sido sistematizado como hoje o conhecemos a partir de 2002. No PNLD de Língua Portuguesa, estão expostos os procedimentos, tópicos, epistemologias, pressupostos e objetivos, dentre outros, que devem nortear esse ensino. É de se esperar, assim, que os onze materiais

didáticos selecionados pelo PNLD 2018 – ou seja, aqueles materiais que recebem a chancela do programa como “materiais aprovados” – contemplem de maneira satisfatória o ensino de coesão e coerência, dada a importância do tema. Nosso trabalho, portanto, se concentrará em avaliar uma dessas coleções (“Português Contemporâneo: diálogo, reflexão e uso”, escrito por William Roberto Cereja, Carolina Dias Vianna e Christiane Damien, da Editora Saraiva), utilizada por um Instituto Federal no Estado do Rio de Janeiro. Em uma discussão mais ampla sobre produção textual, investigaremos a forma como são tratadas, apresentadas e exploradas a coesão e a coerência, as orações e as conjunções, de acordo com os pressupostos de Koch e Travaglia (2011), Koch, (2012), Antunes (2014; 2005) e Fávero (2001). Buscaremos analisar o tratamento do tema em questão, sua pertinência, profundidade, aplicabilidade e possibilidade de utilização por parte do aluno em outros contextos. Nossos resultados preliminares apontam para uma abordagem superficial do tema, descontextualizada e dividida em pedaços ou anos, instrumentalizada para a resolução dos exercícios propostos e com pouca aplicabilidade em outros contextos, como nas redações de vestibulares, concursos ou ENEM.

CONSTRUÇÕES COM O CONECTOR “ENTÃO” NA PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL BASEADA NO USO

*Ana Paula Gonçalves Durço
anapauladurco@hotmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*

*Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda
patriciafabianecunha@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)*

Este trabalho apresenta como objetivo descrever as construções com “então” na função de conector a partir da perspectiva da Linguística Funcional Baseada no Uso (LFCU), a fim de compará-las e estabelecer as particularidades que nos permitem classificá-las como construções distintas, mas também as similaridades entre elas que nos levam a agrupá-las em um nível esquemático comum. Dentro desse aporte teórico, nos baseamos, de modo mais específico, na abordagem construcional da mudança de Traugott e Trousdale (2013), segundo a qual a língua está organizada em construções

esquemáticas interligadas em rede, assumindo, portanto, a construção, ou seja, o pareamento forma-função (GOLDBERG, 2016) como a unidade básica da língua. Visando a cumprir o objetivo geral proposto, apresentamos como objetivos específicos: i) mapear as microconstruções com o conector “então”, a partir do pareamento forma-função dos *tokens* encontrados no *corpus* constituído para esta pesquisa; ii) verificar se elas fazem parte de um mesmo nível hierárquico. Para isso, utilizamos a metodologia qualitativa de análise de dados, tomando como base um *corpus* sincrônico composto da seguinte maneira: i) modalidade escrita, composta por textos disponíveis na *internet* retirados de blogues, revistas femininas, como “Ana Maria” e “Marie Claire”, e revistas formais, como “Exame” e “Veja”; ii) modalidade oral, composta por cinco horas de gravação de programas de entrevista encontrados na *internet*. Após análise dos dados encontrados em nosso *corpus*, obtivemos como resultado o mapeamento de sete microconstruções com o conector “então”, responsáveis por estabelecer relação entre duas sentenças, apresentando como funções comuns a retomada anafórica do antecedente e o apontamento para a porção subsequente. Embora essas similaridades demonstrem, por um lado, que as microconstruções fazem parte de um mesmo nível esquemático mais abstrato, as divergências entre elas, tanto na forma quanto na função, demonstram, por outro lado, a existência de sete padrões construcionais, uma vez que estabelecem relações distintas entre sentenças, a saber: sequencialidade de eventos, causa/efeito, finalidade, condição/ consequência, alternância, oposição e explicação.

ANÁLISE DAS FUNÇÕES SEMÂNTICO-PRAGMÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES CONFORMATIVAS ORACIONAIS

Myllena Paiva Pinto de Oliveira
myllenaipaivap@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O objetivo deste trabalho é descrever os padrões semântico-pragmáticos das construções conformativas oracionais (CCOs). Para nortear teórico-metodologicamente a pesquisa, adotaram-se os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que se origina da apropriação de alguns postulados da Linguística Cognitiva por parte da

Linguística Funcional. Na perspectiva da LFCU, a gramática de uma língua é produto da interação de fatores sociais, cognitivos e internos à língua. Toma-se aqui o conceito de construção (GOLDBERG, 1995; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) que abrange desde unidades simples, como morfemas, até unidades complexas, como se propõe aqui para os tradicionais períodos compostos. Destaca-se também a polissemia de construções: significados podem se originar de outros mais gerais por meio de analogia (CROFT, 2001; FURTADO DA CUNHA, 2013, 2017). Empreendeu-se uma análise sincrônica em *corpus* constituído de dados escritos reais, retirados da Revista *Poli – Saúde, Educação e Trabalho*. Exploraram-se 48 edições da revista, de onde se detectaram 243 *tokens* de CCOs. As poucas informações sobre as tradicionais orações subordinadas adverbiais conformativas nas gramáticas tradicionais e descritivas justificam a pesquisa aqui empreendida. A hipótese levantada é de que tais orações conformativas exibem comportamentos semântico-pragmáticos diversos, que dependem do contexto em que as construções estão inseridas. Assim, elencaram-se alguns traços que auxiliam a descrição da construção, a saber: posição do segmento conformativo, tipo semântico do verbo (SCHEIBMAN, 2001), conectivos, correferencialidade de sujeitos, tempo/modo verbal do segmento conformativo e escopo do segmento. Em termos formais, pode-se representar a CCO da seguinte maneira: {[SC][SM]}, ou seja, {[segmento conformativo] + [segmento matriz]}. Neste trabalho, a construção conformativa oracional corresponde a toda a “sentença complexa” (CASTILHO, 2010), formada por oração matriz mais oração subordinada. Após a análise desses constructos, chegou-se a quatro funções semântico-pragmáticas, quais sejam: validadora, referencial, explicativa e atributiva. A ordem da estrutura construcional {[SC][SM]} pode sofrer modificações dependendo da relação funcional que desempenha em determinados contextos. Concluiu-se, assim, que se trata um caso de polissemia construcional, em que as funções com baixa frequência se originam da mais básica, a validadora, a mais frequente no *corpus* analisado.

Resumos da 2ª grupo de sessões de comunicações individuais

11 de julho – quarta-feira – 11:00 às 12:30

**“DESGARRAMENTO” DAS RELATIVAS APOSITIVAS NO ENSINO DE
LÍNGUA MATERNA**

*Karen Pereira Fernandes de Souza
karen_pf_souza@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

*Violeta Virginia Rodrigues
violetarodrigues@uol.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

O fenômeno do “desgarramento” contraria a premissa de que toda oração subordinada deve vincular-se sintaticamente a uma oração principal (ou a um termo dela). Na perspectiva funcionalista, há cláusulas satélites que figuram nos textos sem a sua cláusula núcleo sem que haja prejuízo da comunicação/interação entre os falantes. A cláusula relativa apositiva “desgarrada” é uma das estratégias linguísticas em língua portuguesa – não tratada pelos manuais normativos e didáticos – que visa à ênfase, isto é, à focalização do conteúdo nela veiculado com referência a um sintagma nominal ou a uma porção de texto já mencionada anteriormente no discurso. Neste caso, na modalidade escrita, estas cláusulas se realizam desvinculadas, sintaticamente, em relação ao sintagma nominal/oracional da cláusula núcleo por meio de um ponto final, mas a relação semântica estabelecida entre elas permanece inalterada, produzindo, inclusive, um efeito pragmático de ênfase. Visando a solucionar esses “desvios”, a gramática tradicional propõe modificações na composição do período no sentido de desfazer a fragmentação ao substituir, por exemplo, o uso do ponto final pelo uso da vírgula de forma a integralizar a cláusula ao seu núcleo. O propósito dessa reescritura é tornar a nova estrutura adequada às propriedades de suas categorias sintáticas prototípicas de oração subordinada. Diante desse quadro, este trabalho tem como objetivo aliar os resultados obtidos em pesquisas linguísticas sobre “desgarramento” ao ensino, de modo que alunos e professores de língua materna possam refletir sobre a estrutura “desgarrada” e seu contexto de uso desvinculada da noção de “erro” ou

“desvio”. Assim, adotamos o funcionalismo linguístico (MATTHIESSEN & THOMPSON, 1988; HOPPER & TRAUGOTT, 1993; CHAFE, 1980; DECAT, 1993, 2011, 2014, SILVESTRE & RODRIGUES, 2017) para descrever a cláusula relativa apositiva “desgarrada”, uma vez que no estudo da língua deve haver uma interação entre o nível morfossintático aliado aos níveis semânticos-pragmáticos, juntamente com os cotextos e contextos reais de uso. Seleccionamos três grandes amostras da língua portuguesa (Phpb, Varport, Peul), totalizando 1.883 textos. Estes compreendem os séculos XIX, XX e XXI com variados gêneros de domínio jornalístico e, por meio de uma busca quantitativa (com auxílio do programa AntConc) e seleção qualitativa dos dados, desejamos confirmar a seguinte hipótese: o fenômeno do “desgarramento” em relativas apositivas não é uma novidade no PB atual e já se podia observar desde o século XIX. Os resultados obtidos revelam um aumento do uso dessa estrutura ao longo de três sincronias distintas, comprovando a nossa hipótese. De posse desses resultados, propomos aqui exercícios para serem aplicados em turmas de 2º e 3º anos do ensino médio, já que são nesses períodos em que se apresenta aos alunos a articulação de orações.

ORAÇÕES SUBORDINADAS GERUNDIVAS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO E EM FRANCÊS: UM ESTUDO EM SINTAXE COMPARATIVA

*Fernanda C. Cruzetta
fernanda.cruzetta@gmail.com
Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Neste trabalho buscamos analisar, de maneira comparativa, construções gerundivas no português e no francês. Mais especificamente, propomos analisar orações subordinadas adverbiais reduzidas de gerúndio. Apesar de a oração reduzida não ser conectada à oração principal por conjunções ou locuções conjuntivas, podemos inferir que existe, sim, uma conexão entre elas. E tal conexão se estabelece a partir de relações de modo, tempo, concessão etc. O gerúndio no português é uma forma verbal não finita e marcada pela desinência *-ndo*. Primeiramente, propomos apresentar uma breve descrição do

gerúndio no português e suas formas equivalentes no francês. Para o português, tomamos como base o artigo de Mória e Viotti (2004), que apresentam uma classificação do gerúndio em cinco tipos (independente, perifrástico, argumental, adnominal e adverbial). No francês, as formas equivalentes ao gerúndio são aquelas marcadas pelo sufixo *-ant*, que têm uma definição muito similar. Para autores como Kalinová (2013), Høyer (2003), Halmøy (2008) há dois modos verbais não pessoais e não finitos terminados com o sufixo *-ant*: o *gérondif* [Ger] e o *participe présent* [Ppr]. Não há, nesses estudos, uma classificação sistemática dessas formas. Após a descrição dos fenômenos no português e no francês, foi feito um recorte nos casos das orações reduzidas de gerúndio adverbial (predicativas e adjuntas) e como elas são representadas em francês. Para esse recorte, tomamos como base a análise de Lobo (2003) sobre orações subordinadas adverbiais. A pesquisa mostrou que, ao contrário do português, as frases contendo as formas *-ant* no francês nunca ocupam função de complemento. Outro dado interessante é que as formas em *-ant* do francês correspondem ou ao gerúndio adnominal ou ao gerúndio predicativo ou adverbial do português. Quando analisadas como adverbiais, as formas do francês podem funcionar como adjunto de frase ou como adjunto de predicado. Sendo adjunto de frase, notou-se que a possibilidade de utilização do Ppr, mas não do Ger. Já nas situações em que há oração gerundiva com função de adjunto de predicado no português, dá-se preferência ao Ger no francês, não havendo possibilidade de uso do Ppr. No caso do gerúndio predicativo, a preferência é pelo Ppr. Ainda que essas conclusões não devam ser tomadas como definitivas, pois é preciso analisar um *corpus* mais extenso e com um número maior de falantes nativos de francês, elas apontam para diferenças sintáticas importantes entre o Ppr e o Ger.

RELATIVAS REDUZIDAS DE GERÚNDIO – UMA ANÁLISE FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Laíza Teixeira Delatorre
laizatdelatorre@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O presente trabalho tem como objeto de estudo a análise das orações relativas reduzidas de gerúndio no Português Brasileiro. Objetivamos investigar a questão da equivalência

entre as orações relativas reduzidas e as desenvolvidas, verificando até que ponto é possível a reversibilidade de uma reduzida em desenvolvida sem significativa alteração dos valores semânticos. Também buscamos identificar a sobreposição de funções sintáticas e/ou valores semânticos das orações relativas apresentando quais fatores motivam essas sobreposições, bem como analisar a frequência do uso das relativas de gerúndio a partir da opção dos falantes em diferentes gêneros e modalidades, além da correferencialidade entre os sujeitos da oração relativa de gerúndio e da oração principal. A fim de exemplificar o objeto da pesquisa, tomemos a seguinte ocorrência retirada do *Corpus do Português*: (1) “O ofício de Vigília, **começando** com a glorificação da Santíssima Trindade, dirige imediatamente seus pensamentos para o Reino de Cristo, pela chamada para chegar junto e adorar Sua Cabeça o próprio Cristo, nosso Rei e nosso Deus”. É possível identificar sobreposição de valores semânticos e de funções sintáticas na ocorrência apresentada. Atestamos que há possibilidade de análise da oração como uma relativa apositiva com matiz aditivo. Considera-se o tema deste estudo relevante, devido à dificuldade encontrada, por vezes, em analisar as orações relativas de gerúndio somente pela integração sintática com outras orações, sendo indispensável uma análise da relação lógico-semântica. Partindo do pressuposto de que a língua emerge e se expande no contexto real de uso, sendo moldada pelas necessidades dos usuários, adotamos princípios abordados pela Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para a realização do presente estudo. O suporte teórico agrupa contribuições de Givón (1995), Bybee (2010), Traugott (2011), entre outros. No que se refere aos procedimentos metodológicos, esta pesquisa é de caráter qualiquantitativo. Primeiramente, trabalhou-se com a seleção dos dados, em seguida foi feita a análise sintático-semântica de cada *token*, para posteriormente identificarmos e quantificarmos os dados com sobreposição de valores semânticos e aqueles puramente relativos. Foram analisados 57 dados retirados do *corpus* sincrônico do Português Brasileiro, referente ao século XXI, disponível no site eletrônico <https://www.corpusdoportugues.org/>. Quanto aos resultados parciais, a pesquisa mostra que as orações relativas de gerúndio nem sempre podem ser desdobradas em relativas desenvolvidas. Tal fato ocorre devido ao caráter ambíguo desse tipo de oração. A preferência do uso de orações de gerúndio parte de motivações funcionais, revelando que as escolhas das formas vão além de questões puramente sintáticas.

**OS ADVÉRBIOS PREPOSICIONAIS ANTES DE, DIANTE DE, EM FRENTE
A/DE E EM FACE DE: GRADIÊNCIA E FIXAÇÃO DE PADRÕES
PREPOSICIONAIS E ADVERBIAIS**

*Fábio Rodrigo Gomes da Costa
fabiorodrigoc@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*

O presente trabalho tem como propósito investigar o uso dos advérbios preposicionais *antes de*, *diante de*, *em frente a/de* e *em face de* e analisar o esquema abstrato {[XAdv YPrep] Adv. Prep.} que licencia usos com sentidos adverbiais e preposicionais. A hipótese de investigação é que os advérbios preposicionais são microconstruções gramaticais que apresentam traços de ambas as categorias gramaticais: advérbios e preposições e que o significado construcional destas microconstruções decorre da relação entre elas e o cenário discursivo. O objetivo deste trabalho é averiguar os contextos motivadores das diferentes instanciações a partir das noções de espaço, tempo e circunstância, além de reconhecer o uso dos advérbios preposicionais como introdutores de orações adverbiais. O aporte teórico deste estudo está fundamentado no quadro teórico-metodológico da Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT; TROUSDALE, 2013, CROFT, 2001 entre outros), a qual visa analisar a língua do ponto de vista do contexto linguístico e da situação extralinguística. A fim de realizar esta investigação, foram observados usos dos advérbios preposicionais no jornal *Folha de São Paulo* e no jornal *Estadão*, no ano de 2017. Os principais resultados demonstram que o advérbio preposicional *antes de* foi encontrado no sentido de tempo e de efeito/resultado; o *diante de*, no sentido de lugar e de causa; o *em face de*, apenas no sentido de causa; e o *em frente a/de*, no sentido de lugar, e sua forma reduzida *frente a*, no sentido de comparação. Apesar de as construções em estudo serem originariamente de sentidos espaciais, apresentam sentidos derivados, pois, conforme afirma Batoréo, “as relações espaço-temporais constituem, pois, as coordenadas indispensáveis para a construção de qualquer mundo conceptual” (BATORÉO, 2000, p. 315). Além da gradiência e dos diferentes padrões apresentados, foi possível constatar, por meio dos dados analisados, que o advérbio preposicional *antes de* pode, assim como as conjunções subordinativas, introduzir orações adverbiais.

ANÁLISE DA TIPOLOGIA DAS ORAÇÕES CORRELATAS ALTERNATIVAS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO EM PERSPECTIVA FUNCIONAL

*Raissa Gonçalves de Andrade Moreira
raissamoreira28@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)*

Neste trabalho, apresentamos um pequeno recorte de pesquisa que está em andamento sobre o fenômeno da correlação. A correlação, na Gramática Tradicional (doravante GT), é considerada como um simples recurso retórico que pertence à coordenação e à subordinação, com a função de enfatizar igualmente os termos conectados. Ao refletimos sobre a amplitude dos estudos gramaticais, focalizamos a perspectiva da Gramática Funcional (doravante GF). Este trabalho tem como objetivo verificar e analisar as orações correlatas alternativas como mais um processo de articulação de orações do português brasileiro em situações reais de comunicação. O objetivo é motivado pelo fato de que, na GT, as orações alternativas são classificadas apenas como coordenadas, sem a devida atenção para suas especificidades, esquecendo que elas também podem apresentar características que as classificam como correlatas. Nessa perspectiva, este trabalho tem como finalidade responder ao seguinte questionamento: Quais características fazem com que a correlata alternativa constitua um processo de articulação de orações? Para tanto, tomaremos a teoria sobre o fenômeno da correlação como principal fundamento deste estudo. Dito isso, o trabalho se fundamenta nos aportes de Oiticica (1952), Módolo (2005; 2008) e Castilho (2010), entre outros, para problematizar o estudo em questão. Em termos metodológicos, apresentamos exemplos retirados de situações reais de uso do *corpus* Discurso & Gramática (D&G sede Natal), demonstrando a insuficiência da classificação apresentada pela GT em relação à dependência sintática intersentencial das orações alternativas. A partir da análise realizada, como resultado parcial, confirmamos nossa hipótese de que a oração correlata alternativa apresenta características particulares relacionadas à sua estrutura, como também em relação aos aspectos pragmáticos e discursivos, que as distinguem das coordenadas alternativas, e assim, constitui um processo de articulação de oração.

ANÁLISE PANCRÔNICA DAS CONSTRUÇÕES CORRELATAS DISJUNTIVAS

Jovana Mauricio Acosta
jovanamauricio@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho tem como objetivo observar os padrões de uso das construções correlatas disjuntivas à luz da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), tanto sincrônica quanto diacronicamente. A análise será pautada em construções como a seguinte: *A Corte residia, ora em Queluz, ora em Mafra, e Bemfica era ponto forçado de descanso para os cortesãos, ou na sua ida para o Paço, ou no seu regresso. Recordo-me de ter visto à mesa em minha casa, em dias de beija-mão, além dos muitos parentes, algumas das celebridades da época e que depois representaram papéis distintos, como o Cardeal Callepi, Monsenhor Macchi, depois Cardeal, e de quem recebemos sempre as mais distintas provas de amizade.* O objeto em análise será tratado como construção, por aderirmos à proposta atual da Gramática de Construções nos modelos de Goldberg e Jackendoff (2004), Croft (2007) e Trousdale (2008). De acordo com esses autores, *construção* é definida como um pareamento de forma e sentido que apresenta significado próprio, esquemático, parcialmente independente das palavras que a compõem, servindo, pois, como um esquema ou modelo que reúne o que é comum a um conjunto de elementos da mesma natureza. A LFCU parte do princípio de que a língua emerge a partir de seu uso e vai sendo moldada em meio a instabilidades. Alguns autores como Melo (1978), Módolo (2011), Castilho (2004) e Rosário (2012) propõem que estruturas instanciadas por conectores descontínuos sejam apresentadas como correlatas, e não como coordenadas ou subordinadas. Com base nessas propostas, Acosta (2016) constatou que as construções correlatas disjuntivas em uso no século XXI apresentam características que as diferenciam das típicas coordenadas alternativas. Pretende-se, portanto, neste trabalho, que constitui uma segunda etapa da pesquisa em andamento, uma análise dos séculos XV ao XX, observando quais as mudanças nos usos ocorreram nos resultados encontrados em comparação com o século XXI. Este trabalho configura-se como ponto de partida para uma proposta futura: a de traçarmos a rota construcional de mudança das correlatas disjuntivas em uso no português. Para tal análise, o *corpus* sincrônico escrito utilizado é composto por textos retirados de versões

eletrônicas da Revista *Veja* (<http://www.veja.abril.com.br>). Já o *corpus* escrito diacrônico foi retirado de textos do CIPM (Corpus Informatizado do Português medieval) e do projeto Tycho Brache. Foram encontrados, até o momento, 200 ocorrências no *corpus* sincrônico e 100 ocorrências no *corpus* diacrônico.

CONEXÕES VIRTUAIS: AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS E SINTÁTICO-DISCURSIVAS NA LEITURA E INTERPRETAÇÃO DE MEMES

Thatiana Muylaert Siqueira
muylaertthatiana@yahoo.com.br
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

A presente pesquisa propõe investigar o funcionamento da proposta de “subordinação alicerçada” ao gênero *meme* sobre o atual Presidente da República Michel Miguel Elias Temer Lulia, em sua fotografia oficial com a faixa presidencial (2016/2017), que circula nas redes sociais com o intuito de “satirizar” a personalidade pública que se expõe. O *meme* é uma espécie de paródia visual, em que há a incorporação de legendas às fotografias que aparecem na mídia, consistindo em ironizar, de forma humorística, pessoas públicas ou não; produzindo críticas a várias esferas sociais. Esse gênero pode ser criado e recriado por qualquer indivíduo devido à facilidade de acesso a informações que estão expostas na internet diariamente. Objetiva-se investigar as relações semânticas e sintático-discursivas (SANTAELLA, 2012; SANTAELLA; NÖTH, 2012) que há entre palavra e imagem, expondo os nexos estabelecidos virtualmente nos eixos sintáticos, embasando as noções de subordinação (AZEREDO, 2014; CASTILHOS, 2010; NEVES, 2016) alicerçada, que se estabelecem na leitura de textos verbo-visuais por meio de recursos referenciais (KOCK; ELIAS, 2010; 2012; CAVALCANTE, 2014). Este projeto de pesquisa estruturado nos princípios da Teoria de Análise Semiolinguística do Discurso pretende não só relacionar aspectos do modo de organização descritivo (CHARAUDEAU, 2014) aos elementos referenciais, mas também apresentar como o visual estimula, por meio das inferências (DELL’ISOLA, 2001), os imaginários discursivos dos sujeitos interpretantes (CHARAUDEAU, 2001). É pela relação intertextual e interdiscursiva (FIORIN, 2011; KOCH, 2008;

CHARAUDEAU, 2001) que se incorporam textos e discursos em vários enunciados, logo, não existem textos “puros”, todo texto é instaurado em uma gama enorme de discursos variados e, por isso, é possível estabelecer relações paródicas (FÁVERO, 2011) em textos linguísticos e semióticos. Os gêneros discursivos estão presentes em todas as situações de comunicação, e é por meio deles que os indivíduos se manifestam e se comunicam permitindo a interação através de enunciados orais, escritos ou visuais. O *corpus* será composto por duas peças retiradas do *facebook*, estabelecendo uma abordagem qualitativa que visa de modo indutivo e dedutivo (CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2014) demonstrar como as relações semânticas e sintático-discursivas manifestam-se em textos do gênero meme.

**“CHILE ENTRA DURO PRA PAPAR RUEDA DO MENGÃO”¹:
EXPRESSÕES DE NOMEAÇÃO E DE AÇÃO NA CONSTRUÇÃO DO HUMOR
E DA ARGUMENTAÇÃO**

Rafael Guimarães Nogueira
rafael.nogueira@ifrj.edu.br
Instituto Federal do Rio de Janeiro (IFRJ)
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O objetivo deste trabalho é descrever, em manchetes do jornal popular *Meia Hora*, os efeitos de sentido gerados pela conexão entre expressões nominais referenciais e formas verbais. De um lado, os estudos da Linguística Textual, investigando “como as atividades humanas, cognitivas e linguísticas, estruturam e dão sentido ao mundo” (MONDADA & DUBOIS, 2003, p. 20), refutam a concepção segundo a qual haveria uma correspondência entre palavras e coisas do mundo e, assim, concebem a *referenciação* como o processo coesivo-argumentativo de interpretação e de (re)categorização da realidade, concretizado, no texto, por meio da construção de objetos de discurso. De outro lado, as pesquisas em Linguística Funcional, partindo do pressuposto de que as estruturas da língua são moldadas nos seus diferentes usos

¹ Título da manchete principal do jornal carioca *Meia Hora* de 03 de janeiro de 2018.

concretos, demonstram que, ao contrário dos *verbos plenos* – como “baleiar” –, os *verbos suporte* (ou *verbos funcionais*) configuram-se pela articulação de um verbo leve (indicador de tempo e aspecto) com um elemento de base nominal (de carga semântica mais expressiva), formando perífrases verbo-nominais – como, por exemplo, “meter muito tiro”, “encher de bala” ou “dar vários pipocos” (cf. VIEIRA, 2000). Embora tais postulações teóricas tenham representado avanços significativos na descrição dos fenômenos linguístico-textuais, pouco se tem discutido, nas últimas duas décadas, sobre a relação entre as formas de *nomeação* e as de *ação*. Nesse sentido, sob o arcabouço teórico da Análise Semiolinguística do Discurso, que descreve a *semitização do mundo* como o duplo processo de *transformação* – a conversão de um “mundo a significar” em um “mundo significado” – e de *transação* – a conversão do “mundo significado” em um objeto de troca entre os sujeitos do ato linguageiro (cf. CHARAUDEAU, 2005) –, este trabalho demonstrará como, em manchetes populares, as expressões nominais de referenciação e os verbos plenos e funcionais operam, conjuntamente, na construção de jogos de palavras e na própria caracterização dos objetos de discurso, gerando humor e/ou apontando a orientação argumentativa dos textos.

UMA ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DAS CONSTRUÇÕES CONDICIONAIS EMPREGADAS NO DISCURSO PUBLICITÁRIO DA UBER

Anabel Medeiros Azerêdo de Paula
anabel.azeredo@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Camila de Oliveira Groppo Lourenço Lima
kmilinhagrosso@msn.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

A publicidade é uma das linguagens de sedução mais ativas e eficazes dos nossos dias, tanto que nos rendemos a ela muito mais vezes do que percebemos. Trata-se, por isso, de um discurso que merece ser estudado por uma linguística não apenas da língua, mas por uma linguística também do discurso, que se interessa pelos fenômenos do mundo real e se disponibiliza para tentar compreendê-los. Desse modo, este trabalho analisa o

comportamento linguageiro dos sujeitos em interação no discurso publicitário, com a finalidade de investigar o modo como a Uber – empresa americana prestadora de serviços eletrônicos na área de transporte privado urbano – organizou o seu discurso em seis peças publicitárias em 2018. De acordo com a perspectiva semiolinguística de Análise do Discurso, no contrato de comunicação publicitário, a instância publicitária posiciona-se em um lugar de superioridade em relação aos seus concorrentes, produzindo um discurso superlativo (CHARAUDEAU, 2010). Entretanto, percebe-se que as peças publicitárias da empresa Uber mobilizam categorias de língua pouco recorrentes em *slogans* publicitários, não explicitando, na superfície do texto, o grau máximo de qualidade do seu produto. Ao situar sua argumentação no plano condicional, marcado textualmente pelo conector *se* e pelo modo verbal indicativo, a instância publicitária deixa implícito o efeito de sentido superlativo, característica intrínseca a esse contrato de comunicação (CHARAUDEAU, 2010). A partir de concepções lógico-semânticas e discursivas, pode-se afirmar que, ao empregar construções condicionais factuais epistêmicas (SWEETSER, 1990) ou ao articular asserções de causalidade/explicação (CHARAUDEAU, 1999), a instância publicitária conduz o consumidor em potencial a aceitar o conteúdo da proposição expresso na apódose, uma vez que a verdade contida na premissa da prótase pode ser verificada. Acredita-se que essa seja uma estratégia discursiva de captação, que, predominantemente, por meio da visada de incitação (CHARAUDEAU, 2004), tem como finalidade persuadir o público consumidor a utilizar o serviço anunciado (MONNERAT, 2003).

CONECTIVOS DE ADVERSIDADE, CAUSA, CONCLUSÃO E FINALIDADE: METASSINTAXE E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

*Mario Sergio Mangabeira Junior
mariojunioruerj@gmail.com
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ/SME-RJ)*

Em todo texto de maior extensão, aparecem expressões conectoras que criam e sinalizam relações semânticas de diferentes naturezas. Em relação à produção escrita de

alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, percebemos, no contexto deste trabalho, um uso precário de conectivos por parte dos discentes deste nível de ensino. Uma vez que os conectivos constituem importantes ferramentas da língua para estabelecer o encadeamento de orações, a realidade observada foi a produção de estruturas linguísticas limitada ao período simples por parte dos alunos. Carecemos, pois, de um exame mais cuidadoso das práticas de ensino das relações lógico-discursivas para um melhor desempenho linguístico no que tange à produção de textos pelos alunos. Tal reflexão evidencia a busca de um novo olhar sobre o desenvolvimento da competência escrita, envolvendo o processo de ensino-aprendizagem dos conectivos, destacando a relação teoria x prática, no tocante aos estudos acerca da metacognição (FLAVELL, 1979) e metalinguagem (GOMBERT, 1992. 2003; CORRÊA, 2004). Sendo assim, defendemos um ensino de Língua Portuguesa (LP) baseado na consciência metalinguística como perspectiva fundamental para o relacionamento com a língua e o desenvolvimento da leitura e da escrita. O conhecimento teórico, por parte do professor de LP, acerca do desenvolvimento metacognitivo e metalinguístico, pode instrumentá-lo a conduzir as práticas de ensino a partir de atividades que envolvam ações metacognitivas e metalinguísticas. Os resultados analisados a partir da aplicação das propostas da pesquisa em tela demonstraram que o desenvolvimento de habilidades metassintáticas impacta qualitativamente o desempenho linguístico dos alunos observados. A discussão proposta pelo presente trabalho, baseada na Dissertação “Consciência Metassintática e relações lógico-discursivas de adversidade, causa, conclusão e finalidade: uma proposta de intervenção para o 6º ano do Ensino Fundamental” (MANGABEIRA JR., 2015) se estrutura pela apresentação dos pressupostos teóricos que fundamentam a pesquisa. São postos à baila estudos sobre metacognição, metalinguagem e consciência metassintática. Em seguida, são descritas todas as etapas do trabalho e a sequência didática utilizada na aplicação da pesquisa-aplicação. Após a descrição dos procedimentos metodológicos, os resultados são apresentados a partir da coleta de dados realizada e, por fim, as considerações finais acerca aplicação da proposta de intervenção sugerida.

O CONECTIVO “E” E O TRAVESSÃO COMO MARCA DE ESTILO EM *MEMÓRIAS DO CÁRCERE*, DE GRACILIANO RAMOS

Erick Bernardes
ergalharti@hotmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ)

Esta comunicação baseia-se na escrita de Graciliano Ramos, mais especificamente em *Memórias do cárcere* (2011), tendo como tema central o traço estilístico voltado para o emprego do conectivo “e” posposto ao travessão, bem como as variadas facetas que as suas utilizações assumem. Toma-se como meta investigativa o aspecto adversativo e consecutivo que reveste o termo “e”, tradicionalmente considerado *conjunção aditiva*. Soma-se a isto, a atenção voltada para o emprego constante do “e” juntamente com o sinal gráfico travessão (—), no intuito de conotar certa ênfase ou realce de enredo autobiográfico. Considera-se o conectivo “e” (somado ao travessão) um artifício de composição textual usado para separar expressões ou frases explicativas no manejo da autorreferencialidade; já que se trata de uma autobiografia. Além disso, evidencia-se o emprego do travessão como a forma mais corriqueira de mudança nos turnos de fala de alguns personagens nas *Memórias do cárcere* (2011), e também destaca-se o uso dessa estratégia linguística com vistas a substituir sinais como: parênteses, vírgulas e dois pontos. Escolheu-se a abordagem teórica e estilística pensada por Castellar de Carvalho, em *Ensaio graciliano* (1978), no intuito de ir além do teor psicológico que é peculiar a uma autobiografia publicada postumamente. Isto é, analisa-se estruturalmente o emprego do “e” junto ao travessão (—) como artifício linguístico fundamental na obra confessional de Graciliano Ramos. Diante disso, apoiando-se na explicação de Domingos Cegalla (2008), para quem o uso do travessão tem por finalidade assinalar pausas no discurso, objetiva-se evidenciar no enunciado autorreferencial o modo característico com que o narrador constrói a sua malha textual; separando palavras, orações e expressões e destacando-as do todo narrativo. Contudo, no caso das *Memórias do cárcere* (2011), quando o travessão precede o conectivo “e”, o narrador consegue empreender enunciados longe de quaisquer ambiguidades.

SUBORDINAÇÃO E COORDENAÇÃO: A VISÃO TRADICIONAL FRENTE ÀS NOVAS DIRETRIZES

*Ânderson Rodrigues Marins
profandermarins@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*

Neste estudo trata-se de assunto bastante instigador, especialmente quando se confronta a visão tradicional com as que vêm sendo apresentadas no seio acadêmico. Os compêndios de gramática, ao tratarem da coordenação e da subordinação, referem-se a esses processos como estruturadores de períodos, com realização no nível interoracional (CUNHA, 1994). Tal fato é verificável desde gramáticas do século XIX, aquelas inscritas sob orientação das correntes científicas e consideradas o germe de todos os nossos estudos hodiernos (FÁVERO & MOLINA, 2006), entre as quais figuram a *Grammatica portugueza* (1881), de Júlio Ribeiro, e a *Grammatica descriptiva* (1894), de Maximino Maciel. Algumas propostas de análise gramatical referem-se àquelas cujo pensamento pertence à vertente tradicional (cf. CUNHA & CINTRA, 2001; ROCHA LIMA, 2010; HAUY, 2014), ao passo que as de vertente moderna (AZEREDO, 2010; BECHARA, 2015; CASTILHO, 2010; NEVES, 2000; PERINI, 2007, 2010) revelam tanto a possibilidade de nova observação desses períodos como a comprovação de que a visão tradicional merece ser revista e, sobretudo, ampliada. Diante de tais fatos, mostram-se as contribuições e o valor da análise sintática, considerando as vertentes tradicionais e modernas para compreensão, assimilação e desempenho da língua escrita. De igual modo, mostra-se que a eficácia do ensino dos períodos compostos por coordenação e subordinação depende da metodologia empregada e da abordagem sempre vinculada ao texto.

ANÁLISE FUNCIONAL DA CORRELAÇÃO ADITIVA NOS SÉCULOS XVII E XVIII

Brenda da Silva Souza
brendasouza045@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho pretende analisar a configuração das construções correlatas aditivas do tipo *não só X, mas também Y* nos séculos XVII e XVIII. Contrariando os principais gramáticos tradicionais de nosso país (cf. ROCHA LIMA 1999; LUFT, 2000; KURY, 2003; BECHARA, 2009), que não consideram a correlação como um processo de concatenação de orações distinto da coordenação e da subordinação, apoiamo-nos na Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) para defender a necessidade de se estudar e analisar de forma mais aprofundada e, sobretudo, autônoma, o fenômeno da correlação aditiva. Assim, sob o aporte teórico-metodológico da LFCU, defendemos a concepção de que a língua é uma rede de pares convencionalizados entre forma e significado (TRAUGOTT E TROUSDALE, 2013, p.1), e uma visão da gramática como uma estrutura maleável, que continuamente se refaz para se adaptar às necessidades discursivas dos falantes (FURTADO DA CUNHA; COSTA; CEZARIO, 2015, p. 42). Em síntese, podemos elencar dois principais fatos que nos motivaram a desenvolver este estudo: (i) o pequeno número de materiais teóricos que abordem de maneira coerente a correlação aditiva como um fenômeno distinto da coordenação e, principalmente, (ii) a possibilidade de cooperar com a elaboração de um quadro completo da descrição desse tipo de construção na língua portuguesa, a partir dos estudos funcionalistas. Nesse sentido, objetivamos, com este trabalho, em primeiro lugar, apresentar uma análise quali-quantitativa das construções correlatas aditivas em uso no século XVIII, resultados estes que são fruto de um projeto de Iniciação Científica recentemente concluído, e, além disso, intencionamos apresentar uma análise inicial dos primeiros resultados do projeto de pesquisa de mestrado em andamento sobre a mesma temática, com o acréscimo, por ora, do século XVII nas sincronias analisadas. Em nossa metodologia, que possui caráter não somente teórico, mas também empírico, orientamos nossas análises a partir dos dados coletados no *site brasiliana.usp.br*. A consideração de fatores de frequência, especialmente as noções de frequência *type* e *token* (BYBEE, 2007), bem como a relevância de fatores intra e extralinguísticos nortearam nossas análises. No que

diz respeito aos resultados, notamos que as ocorrências encontradas nos dois períodos analisados se distribuem de forma heterogênea entre os diferentes *types* de correlatores aditivos detectados, revelando uma grande diversidade morfossintática dessa construção.

O USO DO CONECTOR ‘E’ NO PROCESSO DE RETEXTUALIZAÇÃO DO DISCURSO ORAL PARA O ESCRITO EM UM CONTOS DE FADAS

*José Ricardo Carvalho
ricardocarvalho.ufs@hotmail
Universidade Federal de Sergipe (UFS)*

As práticas de produção de texto nas escolas têm se voltado, predominantemente, para os exercícios escritos, havendo pouca ligação com as práticas sociais que envolvem os saberes oriundos da oralidade. Segundo Marcuschi (2001), o grafocentrismo é um dos graves problemas que gera a falta de compreensão da linguagem verbal, sendo assim, esse trabalho se propõe a discutir as relações entre a modalidade oral e escrita por meio da construção de uma sequência didática com o gênero conto de fadas, apresentando como forte aliado o trabalho de produção textual-discursiva por meio da atividade de retextualização. A partir dessa ação pedagógica, investigamos como as atividades orais e escritas interagem no processo de produção de textos com base na valorização da contação de história e do reconto oral. Uma das questões que se apresentam com grande evidência nos textos orais de crianças e adolescentes é a presença constante do articulador ‘e’ para ligar enunciados com diferentes valores semânticos. Observamos que, na passagem dos textos orais para o escrito, a transformação dos enunciados constituídos de conectores corresponde a um desafio para os sujeitos envolvidos no processo de retextualização. Para refletir sobre este articulador tornam-se necessários nos atermos às funções do conector “e” não somente como item lexical, mas também como item gramatical, de acordo com Tavares (1999). Assumimos como princípio teórico-metodológico as orientações de retextualização organizadas por Marcuschi (2001). Por esse viés, analisamos a interação dos usos linguístico-discursivos utilizados na cultura oral em atividades de contação de história, bem como o processo de

construção do discurso escrito por meio de uma série de atividades escolares voltadas para a refacção. Avaliamos os movimentos de transformação de sentido dos textos na passagem da modalidade oral para escrita, refletindo sobre o uso do conector ‘e’ nas duas modalidades. Descrevemos os usos semióticos utilizados no reconto oral e as substituições de recursos ocorridas na passagem do discurso escrito quando os alunos reescrevem e revisam o conto de fadas “O rei sapo”. Esse trabalho apresenta como resultado o reconhecimento de operações coesivas distintas envolvidas na atividade de retextualização, identificando uma série de operações realizadas pelos alunos no percurso de transformações do texto oral para o escrito.

O *DESGARRAMENTO* EM CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS CIRCUNSTANCIAIS INTRODUZIDAS POR *PARA*

Rachel de Carvalho P. E. Silvestre
rachelescobar@oi.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

O *desgarramento* é um fenômeno que ocorre nas modalidades oral e escrita da Língua Portuguesa e confere ênfase e/ou realce a uma cláusula, à informação que está sendo abordada. Em seus estudos, Decat (2011) afirma que as orações subordinadas adverbiais da GT podem ocorrer de maneira *desgarrada*, ou seja, não anexada à oração principal e podendo ser consideradas como unidades de informação por si mesmas, portanto, podendo acontecer isoladamente. Na língua escrita, essas cláusulas geralmente são usadas após uma pontuação de final de enunciado. O presente estudo tem como objetivo descrever as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* prototípicas e suas respectivas cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* não prototípicas e hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas* à luz da teoria funcionalista em interface com a prosódia. Os resultados de Silvestre (2017) demonstraram que a ocorrência ou não de pausa é um fator que diferencia as cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* não prototípicas das cláusulas hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas*. Além disso, segundo a autora, há indícios de que a curva entoacional de enunciado das orações em estudo não tenha a mesma configuração. Portanto, a ocorrência ou não de pausa e o formato da curva entoacional

de fim de enunciado seriam fatores diferenciadores das cláusulas que serviram de *corpus* a essa pesquisa. Para a análise das cláusulas, foram realizados dois procedimentos: (a) gravações de cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* prototípicas e suas respectivas cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* não prototípicas e hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas* e (b) um teste de leitura, utilizando as mesmas cláusulas, a fim de analisar a percepção dos informantes sobre as cláusulas *desgarradas*. No *corpus*, denominamos as estruturas (a) como cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* prototípicas, pois não há a presença da cláusula núcleo. As estruturas (b) são identificadas como cláusulas hipotáticas circunstanciais finais *desgarradas* não prototípicas, já que é possível identificar a sua nuclear, e as estruturas (c) são designadas cláusulas hipotáticas circunstanciais finais não *desgarradas*, pois ocorrem junto a sua cláusula núcleo. Os resultados apontaram que, no teste de leitura, muitos falantes consideraram "erradas" as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* não prototípicas e poucos informantes perceberam, nos usos do *corpus*, a função focalizadora da cláusula hipotática circunstancial *desgarrada* não prototípica. Além disso, foi observado que as cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* prototípicas apresentam um contorno melódico diferente das cláusulas hipotáticas circunstanciais não prototípicas e das finais não *desgarradas* - isto é - apresentam curva ascendente em maior parte das ocorrências. Assim como já notara Decat (2011), a pausa foi uma característica marcante nas cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas* não prototípicas, ocorrendo na maior parte dos dados. Ratifica-se, portanto, que o fenômeno do *desgarramento* ocorre tanto na modalidade oral como na modalidade escrita da língua portuguesa. Além disso, conforme aponta a investigação de Silvestre (2017), *PARA* é um conector considerado polifuncional, pois além de introduzir as orações subordinadas adverbiais finais da GT, pode encetar também cláusulas *desgarradas* como uma possibilidade que o falante tem de realçar ou de focalizar a informação que está sendo veiculada.

Resumos da 3ª grupo de sessões de comunicações individuais

11 de julho – quarta-feira – 17:30 às 18:30

UM ENQUADRE COGNITIVO DE ANÁLISE DAS CONSTRUÇÕES

“SÓ QUE X”

*Tharlles Lopes Gervasio
tharllesloge@gmail.com*

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

O presente trabalho tem como objetivo analisar as construções “só que não”, “só que sim” e “só que nunca”, aplicadas ao discurso como expressões indicadoras de oposição ou, em alguns casos, reiteração, acompanhadas de certa nuance de ironia. Tais construções, que podem ser compreendidas ou não como elementos de conexão, são analisadas à luz da Gramática de Construções, de Goldberg (1995) e da Mesclagem Conceptual, de Fauconnier e Turner (2002). As ocorrências foram extraídas da muito utilizada rede social *Facebook*, por se notar grande frequência de uso dessas construções em suas postagens, principalmente sob a forma da *hashtag* “#sóqueX”, em que o elemento X é figurado pelos advérbios “não”, “sim” ou “nunca”. Para a real compreensão das extensões de sentido dessas construções que muito se aproximam da modalidade oral de uso da língua, optou-se por selecionar publicações que apresentavam seu emprego nos mais variados contextos discursivos. Escolheu-se, ainda, contextos os quais permitissem que o leitor do texto lançasse mão de seu conhecimento de mundo ao máximo e fosse capaz de ativar os devidos armazenamentos de sua memória como usuário da língua, para que houvesse, assim, a devida apreensão do papel semântico-pragmático desempenhado pelas construções. Como se tratam de construções semelhantes sintática e semanticamente, em seu sentido básico, busca-se mostrar, também, que as extensões de sentido veiculadoras da ironia – entendida segundo Coulson (2001; 2005) – são fornecidas pragmaticamente, a partir do contexto de uso dessas expressões. A ironia é um recurso linguístico muito utilizado nos mais variados textos da modalidade escrita e oral. Acrescenta-se, ainda, que ao utilizar tal

recurso, o escritor/falante intenta dizer ao leitor/ouvinte o contrário do que diz, contradizendo ou mesmo invectivando, de algum modo, a si próprio ou ao outro. A análise de tais construções revelou que “só que não” desempenha, nas porções textuais em que figura, o papel de gatilho para oposição das ideias apresentadas; ao passo que “só que sim” indica reiteração do pensamento expresso nos textos e “só que nunca” pode indicar, além de oposição, uma forte recategorização dos fatos propostos.

CONDICIONAIS EPISTÊMICAS E GENÉRICAS: UMA ANÁLISE COGNITIVISTA

Paloma Bruna Silva de Almeida
paloma_ug@yahoo.com.br
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Este trabalho se propõe à análise e descrição das condicionais epistêmicas e genéricas cuja prótase e apódose apresentam as formas verbais no presente do indicativo, conforme a estrutura esquemática [Se P(PRES), Q(PRES)]. A partir do referencial teórico da Linguística Cognitiva, em especial, com base na análise do tempo presente relacionado às noções de imediaticidade epistêmica, perfectividade e imperfectividade (Langacker, 2009), defende-se que, embora apresentem a mesma forma estrutural, a interpretação das condicionais como epistêmicas ou genéricas está relacionada a mecanismos linguísticos e cognitivos. Com o objetivo de fundamentar a proposta, estabeleceu-se uma análise dessas estruturas a partir de dados jornalísticos retirados do jornal Folha de São Paulo (1994, 1995) e acessados através do site *www.linguateca.com.br*. As 326 orações que compõem o *corpus* foram categorizadas tendo como base a proposta de Dancygier & Sweetser (2005) no que se refere à classificação tipológica das condicionais a partir de domínios cognitivos. Essa categorização resultou em 196 condicionais epistêmicas e 130 condicionais genéricas. A hipótese central que orienta a pesquisa é de que o presente pode expressar não apenas imediaticidade cronológica, mas também imediaticidade epistêmica. Além disso, defende-se que a ativação do significado genérico ou epistêmico depende de aspectos

sintáticos e cognitivos específicos. Baseado nessa perspectiva, as condicionais epistêmicas e genéricas foram analisadas em relação aos tipos de sujeito e à noção de perfectividade e imperfectividade das formas verbais tanto na prótase quanto na apódose. No que se refere às genéricas, especificamente, observou-se também o papel desempenhado pela Mesclagem Conceptual e compressão das relações vitais na conceptualização do significado genérico. Após a análise das condicionais em separado, realizou-se uma análise comparativa com o intuito de determinar de que maneira cada um desses aspectos contribui para a interpretação epistêmica ou genérica da construção investigada. Os resultados obtidos na análise das condicionais epistêmicas e genéricas permitem concluir que, embora ambos os grupos de condicionais apresentem formas verbais no presente do indicativo, a interpretação da construção como genérica ou epistêmica é ativada a partir de diferentes fatores, tais como: a conceptualização dos eventos a partir da noção de imediaticidade epistêmica, a semântica verbal, os tipos de sujeito e, por fim, a compressão das relações vitais, especificamente nas condicionais genéricas.

UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO PREDICATIVA DE MUDANÇA DE ESTADO E DE PROPRIEDADE COM *FICAR, TORNAR-SE E VIRAR*

*Bruna Gois Pavão Ferreira
brunagpavao@hotmail.com*

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Esta comunicação tem por objetivo expor alguns aspectos da pesquisa que vem sendo empreendida no âmbito do Projeto PREDICAR – Formação e expressão de predicados complexos: estabilidade, variação e mudança construcional, com base nos pressupostos da Gramática de Construções Baseada no Uso (BYBEE, 2010, 2013; GOLDBERG, 1995, 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; dentre outros), sobre a construção predicativa com os verbos *ficar*, *tornar-se* e *virar*, indicando mudança de estado ou propriedade, no Português Brasileiro, a fim de descrever diferenças e similaridades existentes, a depender do verbo selecionado para preencher o *slot* destinado a verbo relacional na construção. Nessa descrição, examina-se o tipo de sintagma predicativo, o

tipo de animacidade do participante sujeito, nuance(s) aspectual(is) decorrentes dessa compatibilização na construção e o grau de formalidade associado à situação discursiva em que seus construtos operam. Os problemas centrais na base dessa pesquisa são: (i) tendo em vista que a gramática do Português é uma rede construcional, como, de fato, se configuram, construcionalmente, predicacões de mudança de estado no Português?; (ii) que implicações (morfossintáticas, semânticas, discursivas, pragmáticas, sociais e cognitivas) acarretam os usos verbais que se podem compatibilizar no *slot* verbal das construções de estado e/ou as microconstruções por eles constituídas?; (iii) em que medida tal *slot* promove variação verbal e com que consequência(s) em termos do conjunto de microconstruções/micropareamentos forma-função para a expressão de mudança de estado na gramática construcional do Português? Para tanto, conta-se com um acervo de ocorrências de tais verbos em construções predicativas coletadas em jornais, revistas acadêmicas e sites de avaliação de viagens, que foram analisadas de acordo com alguns parâmetros, como o tipo de sintagma predicativo (nome ou adjetivo), o grau de animacidade do sujeito, o valor semântico-aspectual da construção, o tipo de mudança (estado ou propriedade) e o grau de formalidade, a fim de discutir a variação/alternância desses verbos nesse tipo de construção, uma vez que a escolha de uma ou de outra forma pode acarretar diferentes efeitos semânticos, discursivos e pragmáticos. De acordo com resultados já obtidos, o verbo *ficar* é mais utilizado com predicativo sob a forma de SAdj., e *tornar-se* e *virar* com predicativo sob a forma de SN; *ficar* e *virar* são mais compatibilizados a sujeitos animados, enquanto *tornar-se* é mais compatibilizado a sujeitos não animados. As construções com *ficar* costumam se ligar a predicativos sob a forma de sintagmas adjetivais, indicando alguma mudança temporária ou abrupta de estado, enquanto as construções com *tornar-se* e *virar* se ligam, na maioria das vezes, a sintagmas nominais, indicando alguma mudança permanente/gradual de propriedade. Além disso, observa-se que as construções com *tornar-se* e *virar* apresentam muitas similaridades, diferenciando-se, em geral, quanto ao registro/grau de formalidade e à configuração do SN (com ou sem determinantes/modificadores). *Tornar-se* e *virar* integram construções que revelam mudança de propriedade, enquanto a mudança de estado é prototipicamente representada pela construção com *ficar*, fato que é comprovado pelo tipo de sintagma predicativo predominante, uma vez que os sintagmas adjetivais indicam melhor estados.

MICROCONSTRUÇÃO AVALIATIVO-MODALIZADORA COM “SUPER” NA LÍNGUA PORTUGUESA – UMA ANÁLISE A PARTIR DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

Lauriê Ferreira Martins Dall’Orto
lauriefm@hotmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo principal descrever o pareamento forma-função da microconstrução avaliativa “*super*” *mais verbo* – {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc} – na língua portuguesa, a partir de uma proposta de rede construcional que relaciona tal padrão construcional de maneira hierárquica em torno de um esquema abstrato comum – {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc}. Assumimos, nesta pesquisa, o aporte teórico da Linguística Funcional Centrada no Uso (BYBEE, 2010; MARTELOTTA, 2011; FURTADO DA CUNHA et al., 2013; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013; ROSÁRIO & OLIVEIRA, 2016; BISPO & SILVA, 2016), que tem como pressupostos a renovação da língua pelo uso, a investigação da língua tanto sob o ponto de vista da gramática quanto sob o ponto de vista do discurso e a correlação entre estruturas linguísticas e suas funções discursivas. Para tanto, adotamos como procedimento metodológico o equacionamento entre a análise qualitativa das ocorrências e o cálculo da frequência de uso (SCHIFFRIN, 1987; JOHNSON et al., 2007; CRESWELL, 2007; CUNHA LACERDA, 2016). Para o levantamento e a análise das ocorrências, foi constituído um *corpus* sincrônico escrito, cujos textos, retirados de *blogs* e de revistas disponíveis na internet, foram distribuídos em três níveis de formalidade que se estabelecem em um *continuum*. Os resultados obtidos apontam, a partir de uma proposta de hierarquização, que a microconstrução avaliativa representada formalmente por {[super]_{op} + [verbo]_{var}}^{int/foc}, que envolve a instanciação da construção mais esquemática {[X]_{op} + [Y]_{var}}^{int/foc}, cumpre propósito comunicativo diverso do uso de “*super*” em construção prefixal. Nesse contexto, observamos que a microconstrução avaliativa “*super*” *mais verbo* na língua portuguesa tem como características, além do *posicionamento avaliativo do locutor com atitude focalizadora*, (i) a propriedade da modalização, (ii) a atribuição da intensificação de maneira implícita e (iii) o uso [+ intersubjetivo]. Em tal microconstrução, a força intensiva de “*super*” se transforma em força asseverativa, de

maneira a indicar o comprometimento do locutor com relação à veracidade da proposição, em uma estratégia de convencimento de seu interlocutor.

PRIMEIRAS REFLEXÕES ACERCA DO ESTUDO DAS ORAÇÕES SUBORDINADAS SUBSTANTIVAS NO LIVRO DIDÁTICO

*Eudivania da Conceição Botelho Silva
eudivaniaport@gmail.com
Universidade Estadual do Piauí (UESPI)*

Este trabalho investiga as orações subordinadas substantivas no processo de organização do enunciado, de forma mais específica, analisa a abordagem que o livro didático “Português linguagens”, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar, assume para expor esse conteúdo no 9º ano do Ensino Fundamental. Considerando que esse livro didático pertence a uma das coleções aprovadas pelo PNLD de 2017, o nosso objetivo é descrever os aspectos teórico-metodológicos do livro, a fim de observar como se aborda o conteúdo investigado. Isso se deve ao fato de que existe uma busca incansável de se conhecer o que representa trabalhar com a gramática e/ou como ensiná-la, em que a ideia de exposição de paradigmas linguísticos, conceitos, definições e sistematização permanecem revestindo as atividades propostas no ensino vigente nas escolas. Para alcançar esse objetivo, desenvolvemos uma pesquisa descritiva, adotando como procedimento a pesquisa bibliográfica, de cunho qualitativo. Este estudo fundamenta-se principalmente em: PCN (1997), Antunes (2007), Bortoni – Ricardo (2014), Geraldi (2004), Campos (2014), Cunha e Cintra (2001), Cipro Neto (2008), Cegalla (2009), Kury (1999), Souza-e-Silva (2011), Bechara (2005), Perini (2005), Vieira & Brandão (2011) e Abreu & Sperança-Crisculo (2016). Constatamos que o livro didático, ao abordar as orações subordinadas substantivas, privilegia o ensino de metalinguagem, explorando pouco os aspectos relativos à estrutura e funcionamento da língua, ainda não conseguindo desempenhar uma prática que viabilize a integração do aspecto gramatical ao efetivo uso da língua. Portanto, acreditamos em um ensino de sintaxe em diferentes situações comunicativas e, desse modo, concluímos, no que tange à abordagem das orações subordinadas substantivas por esse material, ser necessário

que o professor complemente essa abordagem, trazendo para a turma mais questões relacionadas à estrutura e funcionamento da língua, para que o aluno de fato amplie seu conhecimento linguístico e a gramática seja trabalhada como elemento significativo, de modo a contemplar o estudo da língua em funcionamento, considerando que as orações subordinadas substantivas possibilitam a reflexão dos aspectos semânticos e pragmáticos associados à forma linguística.

O ENSINO DOS ELEMENTOS CONECTIVOS EM TEXTOS ARGUMENTATIVOS: UMA PROPOSTA DE ANÁLISE LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA

*Andressa Cristina Oliveira (PMDC)
prof.andressaoliveira@gmail.com*

*Stefanio Tomaz da Silva (PCRJ)
stefaniotomaz@gmail.com*

É perceptível que grande parte dos alunos do ensino fundamental e médio tenda a sentir dificuldades no uso e na compreensão do sentido dos elementos conectivos. Isso se dá, principalmente, porque estes - quando abordados em livros, materiais didáticos e em gramáticas pedagógicas - são, muitas vezes, trabalhados fora de um contexto real de uso. Neste trabalho, instigado pelas dificuldades do trabalho em sala de aula, são propostas estratégias de abordagem dos conectivos contextualizadas em textos de base argumentativa, não somente porque, na natureza linguística da argumentação, há uma predominância desses elementos como marca gramatical, mas também pelo fato de que hoje é inviável um trabalho que desconsidere o texto como uma unidade linguística máxima. A fim de efetivar um caminho que pudesse concretizar essas estratégias, elegeram-se, principalmente, os estudos da Cognição, em especial, as perspectivas da Metacognição e do Desenvolvimento metalinguístico (GERHARD, 2016; RIBEIRO, 2003; GOMBERT, 1992) e os da Linguística Textual (KOCH; ELIAS, 2016; OLIVEIRA; MONNERAT, 2007). Embasados, portanto, nesses estudos e outros de grande relevância, este trabalho busca criar condições reais para que os alunos empreguem adequadamente os conectivos e

apreendam a leitura dos valores significativos desses elementos nos textos argumentativos; e, mais amplamente, melhorem a proficiência e a capacidade comunicativa no texto escrito.

SÓ QUE, SIM!

Camilo Rosa Silva
camilorosa@gmail.com
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

Este trabalho se insere numa pesquisa mais ampla que investiga a realização de relações opositivas em português brasileiro. Para esta comunicação, detenho-me sobre usos da perífrase *só que*, em dados coletados no *Corpus D&G* da cidade do Natal – RN (FURTADO DA CUNHA, 1998). São 58 ocorrências do item, as quais se distribuem pelos 04 níveis de escolaridade selecionados para a construção da amostra. Acomodado na noção de *domínio funcional*, conforme proposto por Givón (1984), observo a atuação do *só que* no campo da contrajunção. É incontestável a compreensão de que esta perífrase está associada ao sentido de quebra de expectativa, condição inerentemente pragmática. Longhin (2003) aponta subfunções tais como as de marcador de diferença, marcador de refutação, marcador de acontecimento inesperado, marcador da não-satisfação de condições e marcador de contra-argumentação. Na perspectiva da emergencialidade ora assumida, defendo que o item pode funcionar como conector gramatical, estabelecendo o vínculo que nivela sintaticamente termos ou orações ou, mais discursivamente, como um conector que atinge escopo amplo, cuja oposição parece difusa por partes mais extensas do texto. Haveria, nessa perspectiva, um *cline* de subjetivização (TRAUGOTT, 1995), o que autoriza projetar um contínuo do valor conectivo do termo, no sentido de que ele articula informações mais e menos integradas no fluxo textual. Entendo, também, que o contexto apresenta importante influência na ativação da função-significado exercida pelos componentes linguísticos e, por isso, é relevante assinalar as ocorrências em que o item em tela se deixa acompanhar por conectores opositivos como o *mas* e o *agora*. Tais registros convidam a cogitar que são esses os ambientes semânticos nos quais o *só que* ratifica suas nuances opositivas recorrentemente presentes no *corpus*. A principal contribuição do presente trabalho

pretende ser a defesa de que discurso e gramática estão indissociavelmente relacionados na construção dos sentidos ativados nas diversas situações de interação.

CONSTRUÇÕES CONECTORAS SUBSTITUTIVAS: UM ESTUDO FUNCIONAL

Idrissa Ribeiro Novo
idrissa_novo@hotmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Este trabalho, com base na Linguística Funcional Centrada no Uso (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015; ROSÁRIO e OLIVEIRA, 2016), objetiva descrever algumas das propriedades morfossintáticas e semântico-pragmáticas das construções conectoras substitutivas. Tendo em vista que este tema está quase ausente na literatura, verifica-se a necessidade de uma descrição aprofundada das mencionadas construções. Observa-se que o esquema abstrato da substituição instancia, pelo menos, quatro microconstruções, quais sejam: *em lugar de*, *em vez de*, *ao invés de* e *ao contrário de*. Acredita-se que tal esquema esteja atrelado, de certa forma, à metáfora conceptual espaço>tempo. É possível, pois, hipotetizar que os valores espaciais e temporais estão na base dos valores contrastivos, de modo que o processo se caracterizaria pelo trânsito espaço>tempo>contraste, tendência amplamente observada na diacronia das línguas (KORTMANN, 1997). Em termos de composicionalidade, observa-se que os conectores em estudo são bem integrados, sendo interpretados como verdadeiros *chunks* resultantes do amálgama de preposição (ou combinação de preposição com artigo) + nome + preposição. Quanto à produtividade, com base em dados do século XXI, coletados no *Corpus* do Português, constata-se uma frequência significativa de 47% do conector *em vez de* em relação aos demais conectores analisados. Essa observação encaminha uma importante hipótese: o vocábulo *invés* provavelmente deriva de uma redução fonológica de *em vez*. Essa derivação, de certa maneira, contribui para que ambos sejam usados de forma intercambiável na veiculação da ideia de substituição, levando a crer que o postulado tradicional de que *ao invés de* significa *ao contrário de* e de que *em vez de* significa *em lugar de* não se sustenta no português brasileiro em uso. Por fim, com relação às funções que os conectores

desempenham, além do valor de oposição atestado pelas gramáticas normativas e pelos manuais de redação, as análises evidenciam a existência de três valores semântico-pragmáticos que emergem do uso das construções estudadas: a substituição pura, a preferência e a comparação contrastiva, funções atreladas à noção mais geral e básica da substituição.

CONECTIVOS ASSOCIATIVOS EM ORO WARAM (WARI', TXAPAKURA)

*Ana Regina Calindro
arcalindro@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)*

*Quesler Fagundes Camargos
queslerc@gmail.com
Universidade Federal de Rondônia (UNIR)*

*Selmo Azevedo Apontes
selmoapontes@gmail.com
Universidade Federal do Acre (UFAC)*

Esta comunicação tem por objetivo apresentar os conectivos associativos em Oro Waram, uma variante do grupo Wari', conhecido na literatura como Pakaa Nova, da família linguística Txapakura, situado no interior de Rondônia, divisa com a Bolívia. Segundo Crystal (2000, 102), conectivo (ou conjunção) é: "um termo na descrição gramatical das palavras para caracterizar palavras ou morfemas que funcionam, primariamente, para ligar unidades a qualquer nível." Crystal também diz que tanto conjunções quanto alguns tipos de advérbios e até construções exocêntricas podem ser referenciadas como "conectivos". Em Oro Waram, a partir dos dados de Apontes (2015), há quatro tipos de conectivos associativos que aparentemente possuem a mesma função sintática: a) *kam*, b) *kon*, c) *je* e d) *wariko*. Em a) *kam*, o conectivo é requisitado para acrescentar mais um participante na oração, codificando nome de gênero feminino. Em b) *kon*, o conectivo acrescenta mais um participante, codificando nome de gênero masculino. Em c) *je*, o conectivo acrescenta um participante de gênero neutro (ou [-humano]). Em d) *wariko*, é usado quando se tem três nomes funcionando como argumento oracional. No entanto, nesse último caso não há distinção se os nomes são de

gênero feminino, masculino ou neutro. Ou seja, em Oro Waram, há duas características verificadas: 1) há três conectivos específicos para acrescentar um participante e para distinguir o gênero do nome; e 2) há somente um conectivo para associar três sintagmas nominais. Vejamos os três casos em que ocorrem os conectivos: *kam*, *kon*, *je*.

- 1) papapan na trama kam narima
 passear 3SG homem CON. mulher
 “O homem passeia com a mulher”

- 2) papapan na narima kon trama
 passear 3SG mulher CON. homem
 “A mulher passeia com o homem”

- 3) mam ?non pitop je hata?
 encontrar 1SG-3SG porco espinho CON. quati
 “Eu encontrei o porco espinho com o quati”

Em Oro Waram, portanto, não há a necessidade de um conectivo para unir dois nomes funcionando como argumentos verbais (sejam eles internos ou externos). Porém, há uma distinção clara quando os nomes funcionam como argumentos ou como participantes. Os participantes são associados aos sintagmas nominais com os três primeiros conectivos. Já para o caso de unir três nomes que funcionam como argumentos da estrutura oracional, é requisitado apenas um conectivo (*wariko*), não fazendo distinção de gênero gramatical. Dessa forma, o Oro Waram acrescenta informações interessantes aos participantes, pois os conectivos podem ser distinguidos também em número (singular) e em gênero (feminino, masculino e neutro) quando houver apenas a introdução de um participante adicional na estrutura oracional. Tendo em vista a similaridade morfológica entre os dois conectivos associativos de gêneros feminino e masculino (*kam*, *kon*), pode-se usar a divisão através do traço semântico de [+humano] ou [+pessoa] para o participante adicional (do gênero feminino ou masculino) e do traço [-humano], no caso *je* para o participante nominal de gênero neutro. É interessante notar, contudo, que no caso de unir três nomes funcionando como argumento, a distinção entre gênero ou entre os dois traços semânticos mencionados não é mais requisitada. Dados os exemplos discutidos, conclui-se, portanto, que a verificação do

funcionamento detalhado dos conectivos em línguas indígenas pode contribuir bastante para ampliar os modos de se examinam as atuações dos conectivos e os possíveis requerimentos para o uso específico de cada conectivo.

‘ESTILO REDUZIDO’ NA ESCRITA DE SURDOS

Lou-Ann Kleppa

loukleppa@yahoo.com

Universidade Federal de Rondônia (UNIR)

No âmbito da Neurolinguística Discursiva, foi desenvolvido o conceito de ‘estilo reduzido’ (KLEPPA, 2008, 2009, 2010 e no prelo) para descrever a linguagem de sujeitos afásicos com agramatismo, sujeitos não afásicos, telegramas e manchetes de jornal – que costumam ser descritos, na literatura, como ‘estilo telegráfico’ ou ‘elíptico’. Ao comparar telegramas com a fala agramática, Tesak & Dittmann (1991) e Kleppa (2008, 2009, 2010 e no prelo) perceberam mais diferenças que semelhanças. Já assumir o termo ‘elíptico’, significaria admitir um apagamento de unidades da sentença completa (o que de fato pode acontecer nos telegramas e manchetes de jornal). A Teoria da Adaptação, desenvolvida por Kolk e colegas no âmbito da afasiologia, parte do princípio de que a fala agramática é resultado de uma adaptação que o sujeito afásico performa em virtude de sua dificuldade de sincronizar operações sintáticas simultâneas num tempo de fala aceitável para o ouvinte. O resultado é uma fala simplificada. A Teoria da Adaptação não entende que o sujeito afásico apague unidades de uma sentença completa, porque isso significaria uma sobrecarga computacional para esse sujeito. Neste sentido, estabelecemos que o ‘estilo reduzido’ seja resultado de um planejamento simplificado, apresentando algumas peculiaridades, a saber: não finitude (*nonfiniteness*, o que acarreta que o pesquisador se depare com *nonsententials*), ordem de palavras não necessariamente canônica e baixa frequência de conectivos. Para este trabalho, tomamos como objeto de análise a escrita (em português) de alunos surdos matriculados no curso de Letras - Libras da Universidade Federal de Rondônia, à qual aplicamos o conceito de ‘estilo reduzido’. Analisamos, portanto, sentenças não finitas, não necessariamente na ordem S V O + adjuntos, em que aparecem poucas preposições e conjunções. Sabe-se que em Libras os verbos podem ter sua morfologia alterada

através da direcionalidade, e que isso se aplica a poucos verbos (*eu telefonei pra ele/ ele telefonou pra mim* têm a mesma configuração de mão e movimento, mas em direções diferentes). Em termos gerais, na Libras, o verbo não varia, o que explica a dificuldade dos surdos em conjugar verbos em português. Em Libras, a ordem das palavras é tópico-comentário. Por fim, em Libras, as preposições são menos abundantes que em português e são, muitas vezes, incorporadas ao sinal (de um verbo ou de um complemento verbal), estabelecendo relações semânticas de espaço. Algumas conjunções são importadas do português (*porque, por isso, mas*). Considerando que a concordância verbal é um elemento de conexão no interior da oração, a manifestação da não finitude é analisada (sentenças sem verbo ou com verbo no infinitivo). As preposições que aparecem são analisadas quanto ao seu grau de gramaticalização e no contexto maior, de formação de *chunks* (Bybee, 2010). *Chunking* é definido como o processo de rotinização de formas pelo uso. Os resultados são contrastados com padrões de ‘estilo reduzido’ em sujeitos com agramatismo, telegramas e manchetes de jornais. Os dados coletados foram produzidos por quatro sujeitos surdos que acompanham um grupo de *whatsapp* da turma de que fazem parte. Nesse grupo, 33 participantes (inclusive professores) trocam mensagens sobre aulas (se haverá ou não e quando), objetos esquecidos em sala, greve de ônibus que afeta as aulas etc. Trata-se, portanto, da escrita espontânea dos surdos. Podemos afirmar que ‘estilo reduzido’ pode ser usado para descrever a fala agramática, telegramas, manchetes de jornal e a escrita de surdos aprendizes de português como língua estrangeira, mas cada um destes registros apresenta suas especificidades quanto à manifestação da não finitude, ordem das palavras e uso de conectivos.

Resumos do 4^a grupo de sessões de comunicações individuais

12 de julho – quinta-feira – 11:00 às 12:30

OS GRAUS DE MODALIDADE DEÔNICA E A RELAÇÃO COM A SEMÂNTICA VERBAL DAS ORAÇÕES COMPLETIVAS SUBJETIVAS

*Dayane Alves Wiedemer
daywiedemer@outlook.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Neste resumo, apresentamos a pesquisa de mestrado, ainda em andamento, sobre a construção completiva composta por [verbo_{ser}+ predicativo_{preciso/necessário/obrigatório} [oração completiva subjetiva]], que é uma estrutura linguística relacionada à modalidade deônica, que se encontra no eixo da conduta e expressa os valores (graus) de obrigação, podendo ser moral, interna e ditada pela consciência ou obrigação material, externa, social e ditada pelas circunstâncias e necessidade (ALMEIDA, 1980; NEVES, 1996, 2010; ALVES WIEDEMER, 2016). Observar os diferentes usos dos graus de modalidade deônica implica analisar como o falante emprega esse recurso para marcar impessoalidade em seu discurso, a fim de se distanciar, para não se comprometer com as informações veiculadas, seja, por um lado, em caráter predominantemente obrigatório, seja, por outro lado, predominantemente necessário. Acreditamos que a gradiência da obrigação (obrigação interna ou externa e necessidade) é relacionada à natureza semântica dos verbos da oração completiva. Utilizamos a análise proposta por Halliday (1985), que classifica os verbos de acordo com o processo que representam e afirma que o sistema gramatical é baseado em sua transitividade. Esses processos são classificados em: (i) materiais; (ii) mentais; (iii) comportamentais; (iv) existenciais; (v) relacionais e (vi) verbais. E estes consistem em três componentes: o próprio processo, os participantes do processo e as circunstâncias associadas ao processo. Em nossos resultados, foi possível observar maior predominância de verbos materiais na obrigação externa, verbos mentais na obrigação interna, e, na necessidade, há uma distribuição maior das ocorrências entre as semânticas verbais. Pretendemos discutir, ainda, o papel dos verbos existenciais no processo de construção da impessoalidade. Nosso *corpus* de

análise foi composto por discursos e votações disponíveis no site da Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro (*Alerj*), visto que são falas que visam ao convencimento do outro, propiciando o uso da modalidade deôntica. A análise empreendida apoia-se nos pressupostos teóricos do Funcionalismo norte-americano.

COMPLEMENTAÇÃO SENTENCIAL NO PB: UMA ANÁLISE CONSTRUCIONISTA

Dayanne de Oliveira Silva
dayannecolosso@gmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

A fim de reportar discursos, percepções e avaliações, falantes do Português Brasileiro podem utilizar-se da Construção de Complementação Sentencial (CCS), uma construção complexa – isto é, abstraída a partir de sentenças formadas por duas cláusulas – cuja forma é: SUJEITO + VERBO + SINTAGMA ORACIONAL INTRODUZIDO PELO COMPLEMENTIZADOR “QUE”. Uma busca nos *corpora* NILC/São Carlos (32.461.815 palavras) e Corpus Brasileiro (989.012.584 palavras), disponíveis pelo Projeto AC/DC, em <http://www.linguateca.pt/ACDC/>, revela que a CCS é amplamente utilizada e pode ser combinada com verbos que admitem complementos proposicionais (considera-se a definição disponível em LAMBRECHT (1994): proposições são representações conceptuais de situações, eventos, estados de coisas, etc., sendo reconhecíveis pela possibilidade de serem verdadeiras ou falsas), como se pode observar nos exemplos com *revelar* e *constatar* a seguir: (1) Os dados *revelam* que o convívio com um marido ou parente agressor é forçado pela dependência econômica. (Corpus Brasileiro). (2) Foi *constatado* que as deformações no teto foram decorrentes de agentes externos. (NILC/São Carlos). Essa restrição semântica geral - de que podem instanciar a CCS apenas os verbos que aceitam complementos que expressam proposições – explica a incompatibilidade de verbos como *comprar* e *comer* com a construção; no entanto, é insuficiente para caracterizá-la em sua totalidade: (3) a. ?? João *criticou* que o jogo acabou tarde.; b. João *criticou* o fato de que o jogo acabou tarde. (4) a. ?? Ela *opinou* que a festa foi perfeita.; b. “A festa foi perfeita”, *opinou* ela. Os exemplos anteriores sugerem que,

apesar de verbos como *criticar* e *opinar* admitirem complementos proposicionais (3b e 4b), sua combinação com a CCS não é totalmente aceitável (3a e 4a), uma intuição que é corroborada pelo fato de que, dentre todas as instâncias encontradas nos amplos *corpora* analisados, nenhuma continha esses verbos. A partir dessa observação, busca-se, sob a luz da Gramática de Construções Baseada no Uso (GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013), caracterizar o conhecimento do falante do PB sobre a CCS, de modo a explicar como ele é capaz de evitar a utilização de tais verbos, assim como de tantos outros, como *analisar*, *detalhar* e *elogiar*, que constituiriam supergeneralizações da construção. Para fazê-lo, três hipóteses foram levantadas: (i) usamos na CCS verbos pertencentes a determinadas classes semânticas (o conhecimento é, portanto, gramatical); (ii) usamos na CCS verbos que frequentemente experienciamos empregados nela (conhecimento estatístico do tipo enraizamento, ou “entrenchment”); (iii) usamos na CCS verbos que não são frequentemente utilizados em uma construção funcionalmente equivalente (conhecimento estatístico do tipo bloqueio, ou “preemption”). A fim de verificá-las, foi desenvolvido um experimento de produção induzida cujas variáveis independentes foram a frequência do verbo na CCS (nula *versus* não-nula) e a classe semântica do verbo (anúncio – aceitável na CCS - *versus* crítica – incompatível com a CCS). Os 28 participantes assistiram a sequências de vídeos curtos e, ao final de cada um, responderam a perguntas interpretativas (por exemplo: *O que a menina informou?*). A variável dependente foi o índice de respostas com emprego da CCS, em oposição a outras molduras sintáticas. O experimento demonstrou que os falantes recorrem ao seu conhecimento de natureza gramatical, especificamente semântico, para evitar supergeneralizações da CCS, dado que a incidência de emprego da complementação sentencial com verbos de anúncio de frequência nula foi significativamente maior que com verbos de crítica de frequência nula ($p = 0.0021$), mas se baseiam também no seu conhecimento de natureza estatística do tipo enraizamento, já que a incidência de complementação sentencial com verbos de anúncio de frequência não-nula foi significativamente maior que com verbos de anúncio de frequência nula ($p < 0.0001$).

AVALIAÇÃO, PERCEPÇÃO. A EXPRESSIVIDADE DAS CLÁUSULAS JUSTAPOSTAS.

*Adriana Cristina Lopes Gonçalves Mallmann
adrianaclgoncalves@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)*

O presente estudo investiga como a justaposição em mídias impressas é avaliada e percebida por alunos de Ensino Médio, da Graduação e por professores de Língua Portuguesa e de outras áreas. A abordagem do tema se justifica, pois há poucos estudos acerca do procedimento sintático intitulado justaposição na literatura. Junte-se a isso a necessidade de observar como os indivíduos mais ou menos escolarizados avaliam o uso dessas estruturas (+/- formal, criativo, expressivo, para citar algumas avaliações). A motivação para a realização desse trabalho é oriunda, principalmente, da leitura de Gonçalves (2017) e Dias (2009), que investigam o fenômeno da justaposição, e de Bakhtin (2013), que problematiza a necessidade de repensar as práticas escolares com o objetivo de dar conta de estruturas estigmatizadas pela escola. Nesse caso, é interessante ressaltar que, embora as cláusulas justapostas sejam empregadas em interações comunicativas diárias, essas são frequentemente esquecidas pela escola. Para tal intento, emprega-se o aporte teórico do funcionalismo, que investiga os usos efetivos da língua em contextos reais de interação, nesse caso, o uso de períodos justapostos em mídias impressas, e da sociolinguística variacionista, que possibilita a investigação de como os indivíduos avaliam e percebem certas formas gramaticais, além da possibilidade de análise de algumas variáveis como nível de escolaridade, sexo e idade, tomando como base, principalmente, os estudos de Eckert (2008). A hipótese desse estudo é que os alunos do primeiro ano e os professores de Geografia avaliariam mais positivamente e com maior naturalidade as cláusulas justapostas do que os alunos do terceiro ano, já que esses costumam estar mais atentos ao que prescrevem os manuais de redação, isto é, o emprego de conectores em períodos compostos. Quanto aos professores de Língua Portuguesa e aos alunos da graduação, interessa observar a avaliação e a justificativa dos dados, a fim de verificar como interpretam o emprego das estruturas gramaticais e suas finalidades estilísticas. O teste linguístico realizado para a constituição do *corpus* compreendeu duas partes. A primeira consistiu em um questionário com algumas mídias impressas compostas por cláusulas justapostas e por cláusulas subordinadas, que visavam a verificar como os informantes avaliavam as estruturas, e a segunda consistiu

em uma entrevista com perguntas, que investigavam a percepção e a leitura dos entrevistados acerca do gênero, dos recursos visuais e linguísticos empregados e da relação desses recursos com o gênero. Os resultados obtidos a partir de um teste linguístico de percepção demonstraram uma avaliação coerente e suficiente sobre os recursos linguísticos e semióticos, ratificados pela rede de sentidos estabelecida (+/- formal, criativo, expressivo, interacional e autêntico). Além disso, os resultados ratificaram a tese de Bakhtin (2013) sobre a avaliação dos alunos acerca da maior expressividade de cláusulas justapostas.

CONSTRUÇÕES CORRELATIVAS CONSECUTIVAS SOB A PERSPECTIVA DA LINGUÍSTICA FUNCIONAL CENTRADA NO USO

*Marianna Correa Siqueira do Nascimento
mariannacs@hotmai.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

*Ivo da Costa do Rosário
rosario.ivo3@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)*

Esse trabalho visa a apresentar os principais resultados obtidos em uma pesquisa de mestrado sobre as construções correlativas consecutivas. No que concerne à tradição gramatical, essas construções são conhecidas como orações subordinadas adverbiais consecutivas e apresentam a consequência da oração matriz, a qual se conectam. Dessa forma, seu estudo fica circunscrito ao campo da subordinação adverbial. Coordenação e subordinação são estratégias de organização do período já previstas pela nossa tradição gramatical, no entanto, são insuficientes para explicar as diversas maneiras de articulação de cláusulas. A nossa investigação se insere, portanto, no âmbito dos estudos sobre *Correlação*, por acreditarmos que a correlação é uma estratégia autônoma de organização do período e, principalmente, pelo fato de nosso objeto de estudo se organizar a partir da interdependência de pares correlatos (há, na prótase da nossa construção, o primeiro correlator intensificador em correlação com o segundo correlator da apódose). Rosário (2012, p. 120) assevera que a correlação é uma importante estratégia retórica ligada à arte do convencimento e que se apresenta mormente no

discurso formal. Guiados por essa assertiva, analisamos 826 edições da Revista *Veja Online* (encontrada no link www.veja.abril.com.br), mais precisamente o gênero *Carta ao Leitor*, da seção de mesmo nome. Julgamos ser conveniente o uso desse *corpus*, pois apresenta textos em que o autor expressa sua opinião sobre tema pré-determinado, a fim de convencer o interlocutor de sua ideia, tornando esses textos um campo propício para a ocorrência de construções correlativas consecutivas. Adotamos como referencial teórico a Linguística Funcional Centrada no Uso pelo seu forte compromisso com a língua em situações reais de comunicação e nos referimos ao nosso objeto como *construções* por aderirmos à proposta atual de Traugott (2008a), que dialoga com estudos cognitivistas focados na análise de construções. Os principais resultados apontam para um elevado grau de esquematicidade, prototipicidade, frequência e intersubjetividade das construções em estudo.

EXCETO X NA CONEXÃO DE ORAÇÕES: UMA PERSPECTIVA FUNCIONAL

Fabiana Felix Duarte Moreira
fabianafdmoreira@gmail.com
Universidade Federal Fluminense (UFF)

A Nomenclatura Gramatical Brasileira, que serve de base para a maioria das gramáticas normativas produzidas em nosso país, não contempla as orações adverbiais de exceção, provocando, assim, um hiato na descrição das chamadas orações adverbiais. Apesar de alguns teóricos mencionarem as orações de exceção em seus compêndios, essa descrição é ainda incipiente. Esta pesquisa pretende, ao traçar um panorama dos usos do conector *Exceto X*, investigar seu comportamento morfossintático, no plano da conexão de orações, lançando, assim, luz ao tema. O instrumental teórico adotado para este trabalho tem como base a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), que une a Linguística Funcional de vertente norte-americana à Gramática de Construções. Julgamos que essa abordagem apresenta-se como apropriada para a investigação do conector *Exceto X*, porque assume uma visão holística dos fenômenos linguísticos ao incorporar a semântica e a pragmática à análise das construções, alargando seus interesses para além do plano morfossintático. Para esta análise, foi feita uma busca pelo conector *exceto* em textos de domínio jornalístico publicados *online*, a partir do

ano 2000. Nas ocorrências coletadas, verificamos o padrão construcional *Exceto X* instanciado nos seguintes *types* oracionais: 1) *Exceto quando*; 2) *Exceto se*; 3) *Exceto que*. Acreditamos que essas microconstruções são estratégias de veiculação de conteúdos semântico-pragmáticos aparentados, mas, ao mesmo tempo, diferenciados. Os resultados parciais dessa pesquisa evidenciam a produtividade do conector *Exceto X* no português brasileiro, justificando, assim, o estudo desse fenômeno linguístico para contribuir com a descrição do plano de integração de orações.

A CONSTRUÇÃO [(X) AGORA (Y)] NA ESFERA JORNALÍSTICA DO SÉCULO XIX

Danielle dos Santos Cleres
daniellecleres@hotmail.com
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcos Luiz Wiedemer
mlwiedemer@gmail.com
Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

Nesta comunicação, embasados nos aportes teórico-metodológicos da Linguística Funcional Centrada no Uso, mais especificamente nas abordagens de Traugott & Trousdale (2013), Bybee (2010) e Goldberg (1995, 2006), apresentamos os resultados da pesquisa encaminhada por Cleres (2018), que investiga as construções com *agora*, representada em sua construção mais abstrata como [(X) *agora* (Y)], em jornais (*Correio Braziliense* ou *Armazém Literário* – 1808 - 1822; *O Patriota, Jornal Litterario, Político, Mercantil* - 1803-1814; *A Aurora Fluminense* – 1827-1835; *O Tempo: o jornal politico e litterario* – 1832-1846; *Gazeta da Tarde* – 1880-1889), que circularam na cidade do Rio de Janeiro. A partir do objetivo principal de analisar os diferentes padrões construcionais e seus subesquemas, os resultados evidenciam que há dois grandes subesquemas: a construção [circunstanciadora *agora* TEMPO], que licencia três subesquemas construcionais: [VERBO *agora*], [*agora* VERBO], [PREPOSIÇÃO *agora*], em que o falante tem por objetivo pontualizar o discurso no tempo; e a construção [comparação AGORA enunciativa], que licencia cinco subesquemas construcionais: [*agora* ADJETIVO], [*agora* SUBSTANTIVO], [*agora*],

[*agora* QUE], [*agora* (X) PERÍODO], no qual o falante tem por objetivo localizar o tempo na comparação de ações entre as porções textuais e o tempo é não cronológico, já que apresenta correlação enunciativa. Além disso, ambas as construções apontam para o domínio funcional mais amplo da adverbialidade, relacionadas em nível hierárquico por semelhança, o que resulta na configuração como uma construção mais esquemática [(X) *agora* (Y)], o que confirma os apontamentos de Traugott e Trousdale (2013), para quem as mudanças precisam ser consideradas tanto específica (micro) como esquematicamente (macro), uma vez que as mudanças lexicais e gramaticais estão em um gradiente de conteúdo para o mais procedural, os quais precisam ser vistos como complementares, e não ortogonalmente, mas sim em termos de redes. Por fim, a pesquisa demonstra que analisar os eventos de uso permite a abstração e a extensão de construções (dentro/em) esquemas, às vezes em subesquemas.

QUAERO E SEU SENTIDO VOLITIVO

Laís Lagreca de Carvalho
laislagreca@gmail.com
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

Fernanda Cunha Sousa
fernanda.cunha@ufjf.edu.br
Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar a proposta de projeto a ser desenvolvido no curso de mestrado em Linguística na Universidade Federal de Juiz de Fora. Esta proposta é uma continuação do trabalho desenvolvido no projeto de Iniciação Científica em que Carvalho e Sousa (2016) buscaram usos do verbo latino *quaero*, na obra *Ad Atticum* de Cícero, que justificassem o sentido volitivo presente em seu sucessor morfofonológico, “querer”. Sendo assim, buscamos entender a semântica volitiva de “querer” em seu antecessor *quaero*, que, em gramáticas da Língua Latina, de modo geral, não é tratado como volitivo, aparecendo apenas *uolo*, verbo que chegou, como forma verbal, às línguas latinas com exceção apenas do português e do espanhol. O verbo selecionado para análise da presente proposta de trabalho está relacionado à

expressão da volição na língua latina, uma vez que originou o verbo “querer”. Nós constatamos a volição presente em *uolo*, o indiscutível volitivo do latim, mas também defendemos a volição em *quaero*, que para Anguita (2010) teria recebido o sentido volitivo apenas quando *uolo* se perde nas línguas portuguesa e espanhola. Sendo assim, partindo do fato de que no português e no espanhol o verbo “querer” ocupa a posição de verbo prototípico para expressar volição, defendemos a hipótese de que *quaero* sempre teve latente o sentido de volição e buscamos verificar se esse sentido se estende a outras obras e autores da Língua Latina, quais sejam: Plauto, com “Estico”; Sêneca, com “As Troianas” e Petrônio, com “Satyricon”. Buscamos analisar o comportamento morfossintático do verbo *quaero* em textos de língua latina a fim de compreender se há algum indício morfossintático que justifique o sentido volitivo que esse verbo apresenta na língua portuguesa e espanhola. Para realizar nossas análises, lançamos mão de uma perspectiva linguística de cunho funcionalista de modo que os dados analisados estarão inseridos em seus contextos de usos, uma vez que a língua representa um conhecimento interdependente da situação em que ocorre.

CONECTIVOS EM *DE INSTITUTIONE GRAMMATICA LIBRI TRES* (1572)

Leonardo Ferreira Kaltner
leonardokaltner@id.uff.br
Universidade Federal Fluminense (UFF)

O tema da comunicação é a análise da descrição de conectivos da língua latina na gramática de latim do jesuíta Pe. Manuel Álvares, SJ (1526-1583): *De institutione grammatica libri tres*, *Emmanuelis Aluari é Societate Iesu - Olyssippone: excudebat Ioannes Barrerius* (Três livros sobre a disciplina da gramática de Manuel Álvares da Companhia de Jesus – os editou, em Lisboa, João Barreiro), em sua edição de 1572, disponível na Biblioteca Nacional de Portugal, em versão digital. O objetivo da apresentação é analisar, a partir de pressupostos teóricos e metodológicos da Historiografia da Linguística (HL), a descrição da língua latina em uma gramática editada em Portugal à época do Humanismo renascentista cristão, e analisar o processo

de ensino-aprendizagem de latim neste contexto histórico, sobretudo o ensino de conectivos, tendo em vista que a gramática de Manuel Álvares passaria a ser recomendada como leitura obrigatória na *Ratio Studiorum* de 1599, para a formação em língua latina. A fundamentação teórica relativa à HL situa-se no contexto da análise da história das ideias linguísticas no Renascimento (AUROUX, 2017; BATISTA, 2013; SWIGGERS, 1997) e dos estudos da educação humanística em Portugal e no Brasil (RAMALHO, 2000; KALTNER, 2010), buscando-se analisar não somente a forma como os conectivos são descritos na gramática, mas o contexto cultural em que o latim esteve em uso nas instituições jesuíticas de Portugal e da América portuguesa no século XVI. A gramática de Manuel Álvares influenciou profundamente na tradição gramatical dos séculos XVI ao XVIII, tendo em vista que foi editada 531 vezes ao menos (ROSA, 2010), servindo como modelo para gramáticas da Companhia de Jesus com as novas línguas descobertas em seu trabalho missionário por todo o globo. A gramática de Manuel Álvares (1572) organiza-se pela divisão em oito partes do discurso, em que se encontra a descrição das conjunções, como conectivos.

O FUNCIONAMENTO DO CONECTOR *EMBORA*: NUANCES DA CONCESSÃO

Antonio Vianez da Costa
antonio_vianez@outlook.com

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas (IFAM)

Nesta pesquisa, investiga-se o funcionamento do conector *embora* nos textos escritos de estudantes da 3ª série do Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amazonas – IFAM – Campus Manaus Zona Leste, doravante IFAM – CMZL. Quanto à escolha do local do estudo, salienta-se que, nessa instituição, há uma diversidade de cursos técnicos profissionalizantes integrados ao médio, como Agropecuária, Agroecologia e Paisagismo. Grande parte dos discentes que constitui esses cursos é proveniente de vários municípios do Amazonas, e o contato diário desses estudantes com os da capital contribui, sem dúvida, com a ampliação de sentidos,

mediatizada, prioritariamente, pela variedade cultural e pela heterogeneidade linguística. Nesse universo de contatos, objetiva-se verificar a possibilidade de sentidos do articulador textual *embora*, identificando, nas construções dos discentes do IFAM - CMZL, valores semânticos, a partir do princípio da *negação de inferência* e do *contraste*. Para a execução desta pesquisa, tem-se, como aporte teórico, a abordagem funcionalista, a qual, por meio de olhares complementares, atua como alicerce para o dinâmico funcionamento plurissignificativo desse encadeador textual, utilizado, com certa frequência, conforme apontam os textos analisados. Concernente à metodologia, a pesquisa é qualitativa, de natureza documental, com a modalidade análise de conteúdo. A escolha do *corpus* resultou da construção de trinta textos dissertativo-argumentativos, com tema livre, construídos por estudantes da 3ª série do Ensino Médio do IFAM - CMZL. Essa tipologia textual prioriza a defesa de ideias ou o ponto de vista de determinado assunto e, nesse sentido, o escritor precisa de elementos discursivos, entre eles o *embora*, para exprimir algumas faces da concessão. Dos trinta textos construídos, foram selecionados dez, a partir dos critérios: a) presença do conector *embora* e b) *negação de inferência* e *contraste* apresentados por esse conector, cuja análise foi feita em excertos dos textos escolhidos. O resultado obtido foi o seguinte: nos dez textos em análise, foram encontradas catorze ocorrências do conectivo *embora*. Dessas catorze ocorrências, considerando os valores semânticos, cinco pertencem ao universo da *negação de inferência*, e nove ao do *contraste*.

COESÃO DISCURSIVA: UMA PROPRIEDADE DA SINTAXE DO DISCURSO

Vania Rosana Mattos Sambrana
v_rosana@oi.com.br
Universidade Federal Fluminense (UFF)

Esta proposta de trabalho é norteada pela noção de integração de orações tomada aqui como uma integração de construções. Nessa abordagem ampla de contexto, o objetivo é demonstrar como se dá o efeito de coesão no nível discursivo da gramática. Nossa hipótese é de que a autonomia da sintaxe dos marcadores discursivos no nível

morfo sintático favorece o recrutamento de funções no nível discursivo-funcional, em que uma dessas funções motivacionais é a coesão discursiva. Para demonstrar nossa proposta, apropriamo-nos das bases teórico-metodológicas da Linguística Funcional Centrada no Uso (MARTELOTTA, 2011; BISPO, FURTADO DA CUNHA e SILVA, 2013; OLIVEIRA e ROSÁRIO, 2015) e da Gramática de Construção (GOLDBERG, 1995, 2006; CROFT, 2001; BYBEE, 2010, 2015; TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013), bem como dos estudos de Marcuschi (2012), Koch (2009) e Halliday e Hasan (1976). Sob uma ótica construcional, em que discurso e gramática interagem dinamicamente, aplicamos os conceitos de coesão nos contextos de usos de marcadores discursivos de base perceptivo-visual, e, a partir daí, levantamos motivações discursivo-pragmáticas que comprovam o efeito de coesão no nível do discurso, favorecendo a integração de construções. Dessa forma, a coesão discursiva atua como elo entre proposições. Podemos exemplificar com o contexto: (a) “- *Mas tu podes precisar meu filho. – Fico com o bastante, descanse. - Olha lá. – Ora mamãe, eu faço cerimônias com a senhora?*”. Verificamos que, em (a), o MD *olha lá*, além de sua função discursivo-pragmática de marcar repreensão e a autoridade da mãe sobre o filho, atua como elemento de coesão, porquanto é um elo remissivo. Entretanto, essa remissão não enlaça um elemento textual, mas uma porção proposicional do contexto discursivo, uma vez que liga a marcação repreensiva à suposta situação de necessidade citada anteriormente. Ainda podemos, em um escopo mais amplo, exemplificar nossa metodologia com o contexto (b): “*E nunca vi um porco assim gigante, queria ver! E quando você vê no zoológico os porcos são mais tipo Babe, hahahaha bizaro! Mas olha, se isso te serve de consolo, porcos normais não são desse jeito.*” Em (b), o uso de *mas olha* prepara o ouvinte para uma declaração assertiva que se opõe ao argumento anterior. Verificamos que a motivação do efeito coesivo, que o falante quer perseguir, desencadeia o recrutamento de “*mas*” como elemento opositivo e “*olha*” como um elemento prototipicamente de marcação discursiva. Assim, uma vez amalgamados esses elementos, eles atuam como conector dos sentidos negociados. Dessa forma, concluímos que a coesão discursiva, encontra-se acima da superfície textual, contribui para a compreensão do nível discursivo da gramática e suas propriedades e, ainda, motiva a criação dos usos linguísticos.

Grupo de Pesquisa
CCO - Conectivos e Conexão de Orações



Acesse nossa blogue

<https://uffcco.wordpress.com>

Entre em contato conosco

uff.cco@gmail.com

Agradecemos sua participação!